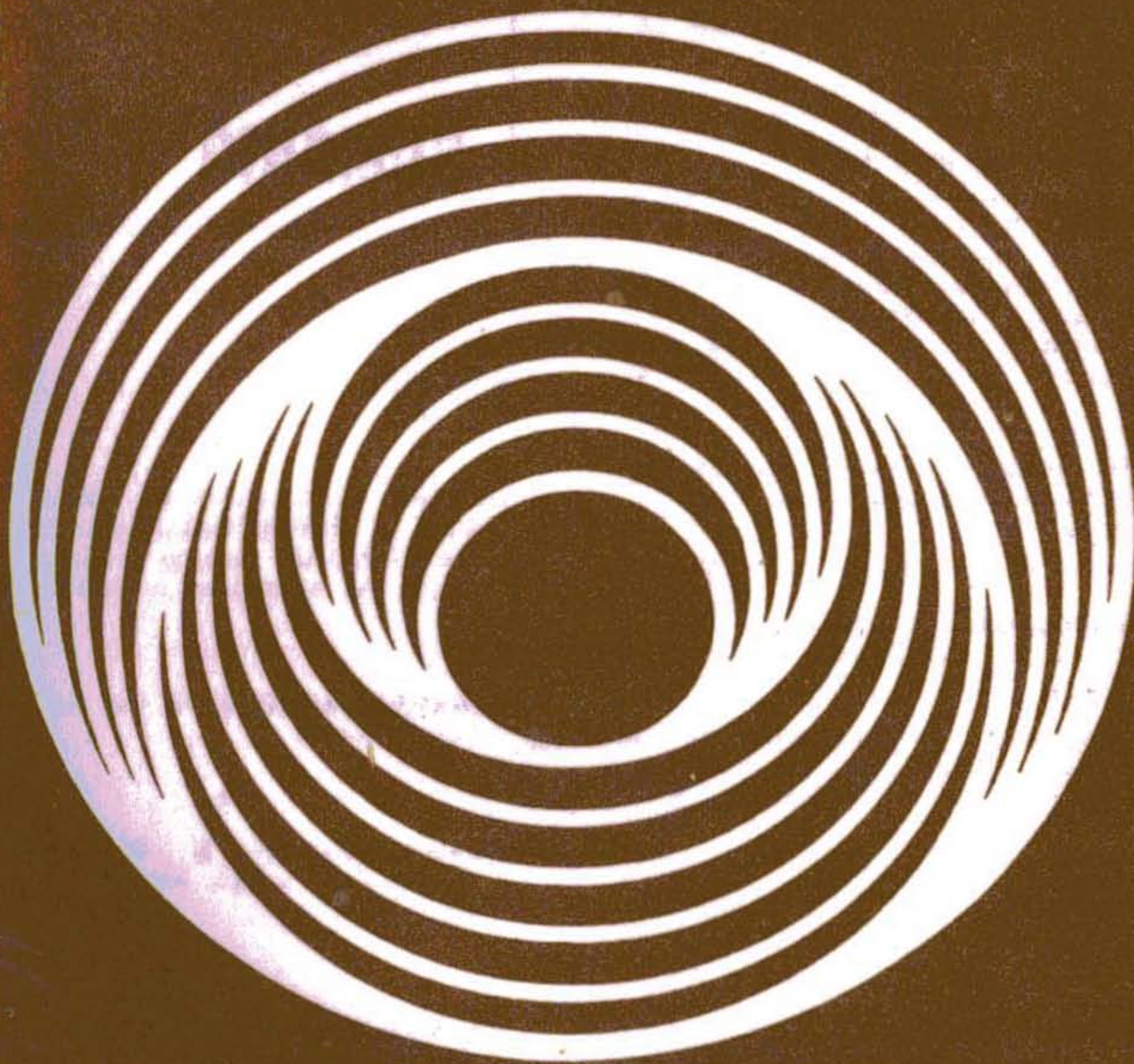


convergência

OUT - 1975 - ANO VIII - Nº 86



- **CENTRO TEOLÓGICO DE ESTUDOS E ESPIRITUALIDADE**
Solene inauguração
Página 451
- **EVANGELIZAÇÃO E FÉ**
Pe. Karl Josef Romer
Página 460
- **EVANGELIZAÇÃO E ESCOLA CATÓLICA**
Irmão Alonso Levis, FMS
Página 476
- **AS MULHERES NA VIDA DE JESUS**
Irmã Angelita Myerscough

CONVERGÊNCIA,
revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1975:

Brasil, taxa única (via
terrestre ou aérea .. Cr\$ 75,00
Exterior, remessa marí-
tima US\$ 17,00
Avulso Cr\$ 7,50

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Correia Vasquez, 25
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL 449

●
**CENTRO TEOLÓGICO DE ESTU-
DOS E ESPIRITUALIDADE —
CETESP/CRB.** Solene inaugu-
ração. As alocuções proferidas 451

●
EVANGELIZAÇÃO E FÉ, Pe. Karl
Josef Romer 460

●
**EVANGELIZAÇÃO E ESCOLA
CATÓLICA,** Irmão Afonso Le-
vis, FMS 476

●
**AS BEM-AVENTURANÇAS E AS
APORIAS DA VIDA HUMANA,**
Pe. Luís Palacin, SJ. 489

●
**A MULHER. O EVANGELHO. A
HISTÓRIA DA SALVAÇÃO,** Ir-
mã Angelita Myerscough 496

●
LIVROS NOVOS 509

deste mundo e Deus nos pede que vivamos imersos nele. É difícil crer hoje? Será mais difícil que no passado? Terá diminuído a fé? Serão os religiosos e as religiosas menos fervorosos e menos crentes que outrora? Tem fundamento a afirmação de que as missões e a evangelização esmoreceram por falta de fé? Ou "estará Deus mais ausente da civilização e da história das sociedades modernas?" Não cremos que as dificuldades sejam maiores que no passado. Crer era tão exigente ontem quanto hoje. O que não podemos é empregar uma metodologia desatualizada, falar uma língua estranha ao homem. Queremos neste número oferecer subsídios para refletirmos sobre o relacionamento entre fé e evangelização. Sobre isto nos fala explicitamente o **Pe. Josef Romer**. Somos pessoas chamadas por Deus para testemunhar a fé e também suscitá-la nos irmãos. É, no entanto, importante que tenhamos consciência da tarefa. "Não existe tensão maior do que viver a fé

na imortalidade, sendo ainda revestidos de mortalidade com todas as suas esplêndidas ilusões. Quem se entrega ao apelo da graça que lhe advém da pregação, já percebe quanto o próprio anúncio do evangelho é um difícil balbuciar".

O **Irmão Afonso Levis** aborda o testemunho da fé que um mestre, um professor, é chamado a dar dentro da escola. São nossos colégios exemplos de evangelização? Uma pergunta que deverá nos fazer refletir. O **Pe. Luís Palacin**, numa forma literária muito original, nos introduz na leitura das bem-aventuranças. Os contrastes que apresentam, as exigências de fé que pressupõem, são o paradigma do evangelizador. **Irmã Angelita Myerscough** escreve sobre a imagem da mulher que tinha Jesus Cristo. Esplêndido trabalho, cuja leitura aconselho a todos, sobretudo neste Ano Internacional da Mulher. Não esqueça de colaborar conosco, enviando-nos suas apreciações sobre a revista.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CENTRO TEOLÓGICO DE ESTUDOS E ESPIRITUALIDADE

No dia 6 de agosto, às nove horas da manhã, conforme já havia sido amplamente divulgado, a Conferência dos Religiosos do Brasil inaugurou seu **Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade para a Vida Religiosa — CETESP/CRB** — obedecendo ao seguinte programa: **1.º)** Concelebração eucarística presidida por Dom Eugênio de Araújo Sales, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro. **2.º)** Significado e objetivo funda-

mental do CENTRO, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente Nacional da CRB. **3.º)** O programa e os Alunos, Frei Constâncio Noga-ra, OFM, Diretor do CENTRO. **4.º)** Palavra do Pe. Hélio Gâmbari, Subsecretário da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Se-culares. **5.º)** Confraternização. Da-mos a seguir, na íntegra, as diversas alocações da solenidade.

1.º T E M P O

Alocação do Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente Nacional da CRB, por ocasião da inauguração do Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade — CETESP/CRB — no Rio de Janeiro, dia 6 de agosto de 1975.

A Diretoria e o Executivo Nacional da CRB vêm dando há vários anos, prioridade e especial atenção à REFLEXÃO TEOLÓGICA. Daí a constituição da Equipe Nacional de Reflexão Teológica que, através da Revista CONVERGÊNCIA, das Publicações da CRB, da FLOTOTECA e de não poucas atuações em

Assembléias e Cursos oferece aos religiosos do Brasil amplo material de estudo e aprofundamento sobre a Vida Religiosa. Alguns de nossos trabalhos foram mesmo traduzidos a serviço de Religiosos de outros países ou assumidos como subsídios pelas Uniãos Internacionais de Superiores e Superiores Gerais.

A escolha desta prioridade se prende ao imprescindível papel da fundamentação teológica, seja para redescobrir e revalorizar na Igreja o sentido da vocação apostólica à vida religiosa, seja para orientar uma válida renovação da mesma, segundo os postulados da "Lumen Gentium", "Perfectae Caritatis", Motu Proprio "Ecclesiae Sanctae", Exortação "Evangelica Testificatio" além da aplicação destes e outros documentos em nível congregacional, por meio dos Capítulos Gerais.

A disfunção entre a lenta evolução da Igreja nos últimos séculos e a irreversível e tumultuada transformação do mundo nesta mesma fase, tornou-se patente no Concílio Vaticano II. Ela representa hoje para a Igreja um desafio tão profundo quanto foi ontem diuturno o seu empenho em não levar em conta a evolução do mundo e a dela defender-se.

A vida religiosa neste período da história da Igreja foi particularmente afetada por uma carência de embasamento teológico e pela concepção prevalentemente devocional e operativa. Perdeu-se muito a consciência da inspiração diretamente evangélica que deve estar à raiz de toda vida religiosa. O crescimento e rejuvenescimento dos diversos Institutos se fez por um processo de formação em grande parte homogêneo e indiferenciado, que esvaziou não raro a originalidade carismática da inspiração fundacional.

E, no entanto, exatamente nesta fase e sob estas características, é inegável a qualidade de vida e fidelidade evangélica de muitos religiosos a Deus, à Igreja e aos homens seus irmãos. Época muito rica de expressões de santidade, densa de perspectivas

missionárias, prenhe de generosidade, assinalada pelo surgimento e expansão de inúmeras Congregações, que se tornaram presentes nos pontos mais remotos dos vários continentes e alicerçam a construção de não poucas Igrejas jovens que apenas despertaram para a vida.

O desafio à vida religiosa hoje se situa na confluência, entre a sua índole transcendente e a fisionomia secularizada do mundo em que se encontra; entre a sua clara missão profética e carismática e o incremento institucional da Igreja oficial, através sobretudo da crescente planificação pastoral; entre a qualidade exigida de seu agir e a necessidade imprescindível de fecundá-lo sempre pela vitalidade própria de seu ser. Este desafio se acentua pela necessidade de repristinar o valor e alcance da intuição fundamental do carisma inicial, mas, ao mesmo tempo, discernir os elementos válidos de sua expressão para hoje mas também as peculiaridades circunstanciais de pessoa, tempo e lugar, que é preciso deixar cair com a mesma lucidez; finalmente, entre a profundidade dos valores evangélicos a ser vivida e a capacidade de traduzí-las ao Povo de Deus de modo acessível.

Tudo isto exige tempo e reflexão, oração e discernimento, sensibilidade histórica frente ao passado e ao presente, descortínio prospectivo do futuro que se intui. O anseio por tudo isto constitui uma demanda permanente dos Religiosos nos últimos tempos. Muitos centros de estudo e reflexão surgidos nos últimos vinte anos, especialmente na Europa, viram passar inúmeros religiosos. Notável em quase todos eles a incidência de latino-americanos, e, mais concretamente, de brasileiros.

O desejo de muitos, a dificuldade para tantos de liberar-se durante um ano inteiro, de financiar viagens e custear despesas caras de hospedagem e manutenção fez com que a CRB, há dois anos iniciasse o estudo de algo no gênero a oferecer aqui mesmo aos nossos Religiosos, à medida que se aprofundava o estudo, a análise de programas, o contato com vários diretores, professores e alunos de centros europeus e americanos, foi-se revelando a validade de um enfoque mais centrado sobre a nossa realidade de Igreja e de Nação, componente e condicionante em boa parte de nosso ser e de nosso agir apostólico. Foram se delineando as opções entre um instituto acadêmico e doutrinal e uma fórmula mais global, integradora de estudo e vida, somatória de pessoas e experiências. Pensou-se na filiação a uma Universidade e na fixação regular de currículos e graus. A opção no entanto foi uma configuração mais flexível e dinâmica, proporcionada ao ritmo das pessoas a quem queremos servir. E estas, pelo menos para os primeiros cursos desejamos sejam as que já se acham em funções de direção ou responsabilidade comunitária nas próprias Congregações, ou para elas se preparam.

Para a organização e montagem dos programas e trabalhos, bem como para a seleção dos professores, tivemos presente a experiência de organismos similares, por nós visitados e estudados de perto ao longo destes dois anos de preparação.

A Assembléia Geral da CRB, em julho do ano passado, 1974, voltou a insistir na concretização deste Centro —, como um serviço qualificado aos Religiosos do Brasil. A Diretoria Nacional então eleita confiou a Frei Constâncio

Nogara, ofm, Secretário Executivo Nacional da CRB, a tarefa de acelerar os preparativos, dando prosseguimento aos estudos iniciais que haviam sido coordenados pelo P. Faliero Bonci, antes da Assembléia Geral.

Após um ano muito intenso, pudemos chegar ao dia de hoje, inaugurando o CENTRO TEOLÓGICO DE ESTUDOS E ESPIRITUALIDADE PARA A VIDA RELIGIOSA, que abreviamos CETESP. O nome **CENTRO** quer evitar precisamente o caráter mais exclusivamente doutrinário. O adjetivo **TEOLÓGICO**, define a índole e o critério do trabalho. **ESTUDOS e ESPIRITUALIDADE**, uma vez que se tende a uma integração vital do que se se reflete e do que se vive. **PARA A VIDA RELIGIOSA**, orientado o conjunto para a animação e aprofundamento desta vocação apostólica na Igreja.

Os três Vice-Presidentes da CRB, Ir. Irlany Vidal Bastos, P. Luciano Pedro Mendes de Almeida, P. Faliero Bonci, na atual Diretoria, constituem a Comissão Central de Direção. A Diretoria Nacional da CRB detém a responsabilidade de fundação, manutenção e orientação do CETESP. A mesma Diretoria Nacional nomeou Frei Constâncio Nogara OFM, como Diretor Executivo. O CETESP se servirá de toda a infra-estrutura funcional, secretarial e mecânica da CRB-Nacional.

Mas, onde localizá-lo? Quando esta pergunta se tornou urgente para nós há uns dez meses, os Padres da Pequena Obra da Divina Providência, Dom Orione, com fraterna generosidade, acenaram-nos com a possibilidade de utilizar uma parte deste Colégio da Divina Providência por eles dirigido e que oferece, efetivamente, condições privilegia-

das de localização sob vários pontos de vista. Há muitas pessoas às quais desejamos agradecer por terem somado esforços conosco para a concretização deste CENTRO. Não é possível aqui nomeá-las todas, mas queremos que eles sintam bem viva a nossa gratidão. Parece-nos, devido porém, expressar de público e nesta circunstância bem precisa da inauguração, na pessoa do P. Provincial, Pe. Pattarello, aqui presente, o nosso profundo reconhecimento a estes nossos irmãos que nos acolhem em sua casa e, entre eles, muito especialmente ao P. César e ao P. Lemos.

Por diversas vezes, pessoalmente e através de correspondência, informamos a Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares em Roma, a respeito desta nossa iniciativa. Recordo bem o válido estímulo que nos deu o Sr. Cardeal Arturo Tabera Araoz, Prefeito daquela Sagrada Congregação, quando há um ano participou aqui de nossa Assembléia Geral e ainda em fevereiro deste ano, em Roma. Quis o Senhor que nosso convite para a inauguração do CETESP fosse uma das últimas correspondências a chegar-lhe antes de sua inesperada morte, por nós sentida como a de um verdadeiro amigo. A presença entre nós a convite da

CRB, do P. Elio Gambari, Sub-Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos e representante oficial da mesma, para este ato, sobre ser-nos sumamente grata, quer traduzir também para nós a presença significativa do Santo Padre o Papa Paulo VI.

Uma palavra de agradecimento muito cordial a todos os que nos honraram com sua participação nestas solenidades de inauguração. Destaco particularmente o Pastor da Arquidiocese, o Sr. Cardeal Dom Eugênio de Araújo Salles, que aceitou ao nosso convite para presidir a concelebração eucarística de abertura.

Pela intercessão de Maria, Mãe da Igreja e de todos os Santos Fundadores de nossas congregações, conceda-nos Deus que esta semente ora lançada e tão rica de promessas, se torne realidade fecunda sob a ação do Espírito Santo e traduza para os Religiosos e para a Igreja no país mais um serviço da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. Como Presidente Nacional da CRB, declaro devidamente fundado e hoje inaugurado o CENTRO TEOLÓGICO DE ESTUDOS E ESPIRITUALIDADE PARA A VIDA RELIGIOSA — CETESP.

2.º TEMPO

Alocução de Frei Constâncio Nogara, OFM, Diretor do Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade — CETESP/CRB — apresentando o programa e os alunos, no dia da inauguração, 6 de agosto de 1975.

O CENTRO visa proporcionar subsídios e promover a reflexão em bases escriturísticas e teológicas pondo em relevo o aspecto de comunhão eclesial,

ajudando os religiosos a viverem profundamente conscientes o carisma de que são portadores, inseridos na respectiva Igreja Particular, dentro da

realidade de um país em desenvolvimento. O CENTRO ainda se propõe avaliar as novas manifestações comunitárias e apostólicas, pesquisar novas formas de inserção nas diversas realidades, buscar possíveis respostas para o questionamento apresentado por um mundo em rápida transformação.

Para uma finalidade tão específica e vasta, não se revelaram suficientes nem os cursos breves de renovação e atualização, nem o envio dos religiosos para estudar na Europa porque, embora longos, são cursos caros e sobretudo nem sempre correspondem às necessidades concretas do Brasil. O CENTRO ministrará cursos de segunda a sexta-feira, das 8 horas às 12 e das 13 às 15.30 horas. O Curso durará três meses: 6 de agosto a 6 de novembro.

LINHAS GERAIS

O programa abrangerá 13 semanas, com um total de 67 dias úteis. A vida religiosa será a preocupação central. Os ângulos de enfoque serão vários: realidade brasileira, em que vivem os religiosos, história da vida religiosa, temas bíblicos, teológicos e de vida comunitária. A matéria está dividida em seis conjuntos, cada qual com uma ou mais semanas.

1

1. Conhecimento e entrosamento mútuo (1.^a semana). Como não se trata de um mero curso letivo, onde o professor fala e os alunos aprendem, mas sim de um grupo, onde todos trazem um vasto cabedal de conhecimentos e uma rica experiência de vida religiosa comunitária, é importante que o grupo se conheça para que haja bom rela-

cionamento. A ciência não é suficiente para construir uma vida fraterna autêntica. É necessário uma aceitação de si mesmo, um conhecimento razoável das limitações e possibilidades individuais, para viver num permanente processo de busca e conversão.

O CETESP não pretende ser um simples Curso acadêmico, onde as pessoas cheguem ao final sabendo mais, sem terem se transformado. Queremos um curso, onde todos participem ativamente, onde cada qual esteja disposto a dar e receber. Este será o sentido da semana de dinâmica grupal. A ela seguirão dois dias de **oração** em ambiente fechado.

2

2. Conhecimento da realidade sócio-econômico-política do Brasil (2.^a semana). Para sermos religiosos de verdade precisamos considerar em que mundo brasileiro vivemos, pois este tem influência sobre nossas vidas, do contrário nosso cristianismo fica desencarnado.

* **A atuação da Igreja no Brasil (3.^a semana).** Qual é o tipo de fé que alimenta o povo? Que tipo de mensagem apresentou a Igreja através da história? Que exigências e possibilidades oferece à vida religiosa?

* **As múltiplas formas de vida religiosa através da história (4.^a semana).** Desde as primeiras manifestações carismáticas de vida religiosa, em torno do século IV, assistimos ao longo dos séculos, a um florescimento permanente de novos carismas, de novas concretizações do Evangelho, sob as mais variadas formas. Que contribuição espe-

cífica trouxeram no momento em que nasceram? Qual a perenidade destes carismas ou universalidade? Como se diferenciam e como se complementam? O que é perene e o que é transitório em cada um deles?

* **Psicologia aplicada à convivência fraterna** (5.^a semana). Antes de abordarmos diretamente o conteúdo teológico da vida religiosa, convém tomarmos conhecimento dos principais condicionamentos que envolvam nossas vidas, e sobretudo, das grandes possibilidades e riquezas de que somos portadores, como pessoas. Neste sentido a Psicologia, ou o estudo da Pessoa, poderá nos fornecer valioso subsídio.

3

3. Projeto Atual da Vida Religiosa (6.^a e 7.^a semanas). Nesta altura do Curso, abordaremos a temática central: o que significa ser religioso. Não basta contemplarmos o passado e constatar-mos uma série de fatos. O importante é vivermos hoje a opção de fé pelo Cristo, de modo radical. O que podemos e devemos conservar das tradições do Instituto Religioso e o que deve ser aperfeiçoado? Como atualizar o carisma do fundador e ser-lhe fiel? A vida religiosa certamente é chamada a desempenhar um papel importantíssimo na Igreja Latino-Americana e sobretudo brasileira (pois é aqui que vivemos), motivo porque vale a pena aprofundar o seu sentido teológico. Dedicaremos duas semanas a este tema em vista de sua importância.

4

4. Alguns aspectos fundamentais da teologia hoje. A teologia nos esclarece e ajuda a compreender melhor a men-

sagem de Cristo. A Vida Religiosa pretende viver autenticamente a mensagem do Senhor; daí a importância de um bom conhecimento teológico. Não pretendemos dar um curso de teologia, mas unicamente dentro do objetivo do CETESP e do tempo disponível, sublinhar os aspectos mais marcantes hoje, em função da vida religiosa. Escolhemos quatro:

* **Temas Bíblicos** (8.^a semana). Da imensa riqueza da Bíblia sobre a história da salvação, do Antigo e Novo Testamentos, serão selecionados cinco temas, dentre os mais característicos e atuais.

* **A Pessoa de Jesus Cristo** (9.^a semana). A Pessoa e a Mensagem de Jesus Cristo, estará no centro do curso do começo ao fim. Existem porém alguns traços da Pessoa do Senhor que serão sublinhados de modo particular e com muita vantagem pelo seu impacto e importância. Pois ELE é o paradigma da vida de qualquer homem, do cristão e muito especialmente do religioso.

* **Temas de Moral** (10.^a semana). A mensagem que Jesus Cristo trouxe aos homens, produziu nestes uma série de novos comportamentos. Como, no entanto, vivemos imersos numa realidade concreta, esta tem influência sobre o comportamento do homem. Será necessário uma atitude de permanente autocrítica, para não sermos envolvidos por uma "moral acomodatória", ou por regulamentações negativas. Como proceder para que nossa moral tenha como ponto de referência a Pessoa de Jesus Cristo?

* **Traços fundamentais da Ecclesio-logia** (11.^a semana). O Concílio Vaticano II recuperou aspectos riquíssimos da

Eclesiologia, que durante séculos não haviam sido valorizados. A Teologia pós-conciliar continuou as pesquisas, com excelentes frutos para o Povo de Deus. Um dos aspectos que mais deve marcar a vida do religioso é o sentir-se Igreja. Ora, isto será possível, na medida em que conhecermos a fundo o Plano do Senhor para a Sua Igreja. A consequência imediata será de sentir-se o religioso inserido concretamente na Igreja Particular em que vive.

5

5. Leitura crítica de textos sobre Vida Religiosa (12.^a semana). Nos últimos 10 anos chegaram-nos da Santa Sé mais de 20 textos referentes à vida religiosa, uns abordando aspectos teológicos, outros de cunho mais disciplinar. Ao lado deles, apareceram, em revistas e livros, centenas e centenas de trabalhos sobre o mesmo tema, seja analisando os textos conciliares, seja analisando experiências concretas das comunidades. Com que atitude e espírito de discernimento lê o religioso estes textos? Cremos não ser fácil, por inúmeras razões. Para podermos nos situar melhor (depois dos temas das semanas anteriores), faremos uma leitura orientada de um ou dois textos básicos sobre Vida Religiosa. Cremos estar prestando um bom serviço para estudos posteriores.

6

6. Avaliação-Retiro (13.^a semana). No final, faremos alguns dias de oração e avaliação juntos, interiorizando o que aprendemos ou descobrimos, ao longo dos meses. **Todas as sextas-feiras**, das 13.30 às 16.30 horas, haverá exposição e estudo das coordenadas

fundamentais do carisma de um Instituto Religioso, com orientação de um membro da respectiva Família Religiosa. Além de conhecermos mais concretamente as diferentes manifestações do Espírito de Deus em sua Igreja, será uma oportunidade de apreciarmos os enfoques evangélicos e teológicos, de cada carisma. Para esta ocasião poderão participar outros religiosos ou religiosas que se interessem no tema. Portanto, reservar as sextas-feiras à tarde.

Trabalho sobre o próprio carisma.

Um dos trabalhos básicos de cada participante consistirá em refletir as exposições do Curso, aplicando-as à respectiva Congregação ou Carisma. Isto significa já durante o curso, fazer a síntese que deveria ser feita depois. O trabalho será por escrito. Para tanto cada qual deverá ter um **colaborador**, isto é, uma pessoa da respectiva Congregação, com a qual manterá correspondência e se possível, encontros, para discutir a elaboração do trabalho.

Outro tema de sua livre escolha.

Além do trabalho mencionado, pedimos aos participantes que escolham outro tema de reflexão e estudo, a partir da programação do Centro. Para este tema haverá um acompanhamento especial por parte de um assessor do Centro. Não se trata, como se vê, de um mero curso letivo e acadêmico, mas de um curso onde, por ativa participação, cada um busca dar e receber, num intenso intercâmbio. O vasto cabedal de conhecimento e a rica experiência de vida religiosa comunitária são elementos indispensáveis para se construir uma vida fraterna autêntica. Nisto cada aluno deve se revelar tão mestre quanto os professores. É necessário uma aceitação de si mesmo, um conhecimento

razoável das limitações individuais para se viver um permanente processo de busca, e de conversão. Disto tanto alunos quanto professores estão bem conscientes.

ALUNOS E PROFESSORES

São 55 os alunos do primeiro curso do Centro, selecionados entre os 87 candidatos inscritos para as 50 vagas. Razões de caráter excepcional convenceram à Diretoria do CETESP a admitir este excedente às vagas. Os alunos representam 43 Congregações e Ordens, internacionais e brasileiras, compreendendo Irmãs, Irmãos, e Sacerdotes. Ocupam no momento os seguintes cargos: Gerais, 3; Provinciais, 8; Conselheira Geral, 1; Conselheiros Provinciais, 12; Superiores Locais, 12; Formadores, 19. São provenientes de onze Estados do Brasil: Rio de Janeiro, 14; São Paulo, 13; Rio Grande do Sul, 8; Minas Gerais, 7; Mato Grosso, 4; Per-

nambuco, 3; Santa Catarina, 2; Ceará, Pará, Paraná, e Piauí, 1, respectivamente.

Deste total de 55 alunos, 43 apresentaram Certificado de Conclusão de Curso de Nível Superior, o que representa 78,18% e os restantes 21,28%, Diploma de Curso Normal ou Equiparado, além de todos terem feito variados tipos de Cursos de Extensão, Reciclagem e Atualização, no país e no exterior. Os professores pertencem a sete Congregações e Ordens diferentes a saber: Francisco Crestani, marista; Oscar Müller, jesuíta; Francisco Viniegra, jesuíta; Oscar de Figueiredo Lustosa, dominicano; Afonso Levis, marista; Victor Hugo, redentorista; João Batista Libânio, jesuíta; João Bosco Dubot, assuncionista, Alfonso Garcia Rubio e Karl Josef Romer, da Arquidiocese do Rio de Janeiro; Antonio Moser, franciscano; Luciano Mendes de Almeida, jesuíta; Francisco Rolim, dominicano.

3.º TEMPO

Alocução do Pe. Hélio Gâmbari, Subsecretário da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, vindo de Roma especialmente para a inauguração do CETESP/CRB, dia 6 de agosto de 1975. CONVERGÊNCIA apresenta uma síntese da alocução aprovada pelo autor.

Irmãos e Irmãs no sacerdócio e na vida religiosa:

1. Nos últimos dias de vida terrena do saudoso Cardeal Arturo Tabera, Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, chegava o convite do Padre Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente da CRB, convidando-o para presidir à inau-

guração deste Centro ou, ao menos, para enviar uma mensagem nesta circunstância. Ele está aqui presente espiritualmente. Sabia que deveria participar pessoalmente desta inauguração. Senti-me feliz por isso como ainda pelo programa de toda a minha viagem de contato com a vida religiosa no Brasil. O Cardeal Tabera se interessava vivamente por este Centro que a X Assem-

bléia Geral da CRB decidiu organizar, Assembléia que ele mesmo pessoalmente presidira.

2. Os Centros de Estudo e de Orientação para a vida religiosa estavam em primeiro lugar nas prioridades do programa de ação elaborado pelo Cardeal Tabera, quando assumiu o posto confiado pelo Santo Padre de ser o seu representante na direção pastoral dos Institutos Religiosos. Ele ofereceu a própria vida para que os religiosos e as religiosas fossem fiéis à própria consagração.

3. Os Centros de Estudos e Reflexão como vêm nascendo em vários países devem servir sobretudo para aprofundar o mistério da vida religiosa e ajudar os religiosos a serem cada vez mais fiéis às suas exigências. Por toda a parte se sente o empenho por uma vida religiosa mais interior e mais responsável para que todo aquele que receber este dom de Deus saiba enfrentar as suas exigências num contexto em contínua transformação. Hoje mais do que nunca a Igreja e a Sociedade exigem religiosos e religiosas adultos e corajosos, capazes de incidir profundamente na construção de um mundo novo e de uma sociedade mais humana e justa orientados para Deus de modo que o seu reino comece já aqui mesmo na terra.

4. **O CETESP** conseguirá este objetivo desenvolvendo fielmente seu pro-

grama, aplicando concretamente no contexto da Igreja no Brasil os princípios de renovação propostos pelo Concílio Vaticano II, ou seja:

- 1.º) Resposta às interpelações do Evangelho no seu radicalismo mais puro e exigente.
- 2.º) Docilidade aos impulsos do Espírito Santo que continuamente suscita novas energias contidas nas inspirações primigênicas.
- 3.º) Comunhão profunda e integral com a Igreja e com quem a dirige: comunhão de mente, comunhão de corações, comunhão de mãos. A vida religiosa é dom de Deus à Igreja, dom ratificado com a profissão recebida por ela. Fidelidade aos ensinamentos e às diretivas do Papa e dos Bispos nas suas respectivas Igrejas.
- 4.º) Confronto com o mundo à luz da fé para ajudar mais eficazmente aos outros.
- 5.º) Na base de tudo, a renovação espiritual.

5. O CETESP representa um serviço responsável aos religiosos e às religiosas do Brasil. Ele empenha a responsabilidade de quem o dirige e a responsabilidade de quem o frequenta.

6. Formulo os melhores votos para que ele sirva à edificação da vida religiosa na linha indicada pelo Papa.

Há pouco, discutiu-se a distinção entre evangelização e catequese. Tal interrogação é análoga à pergunta da relação entre anúncio e teologia. Muitos, no afã de criar uma clareza, atribuíram à catequese e teologia o ensino racional e sistemático da religião e das suas verdades, enquanto à evangelização se reivindicava o anúncio da fé em vista da conversão. Querendo considerar, aqui, a evangelização na sua aceitação mais radical, será igualmente mister tomá-la no seu sentido mais universal. A Igreja tem a missão de levar o evangelho, não apenas em palavras, mas também em “poder e Espírito Santo”(1).

A própria teologia, não obstante toda a sua veste racional e seu instrumental científico — assim diria K. Rahner (2) — é um “modo derivado e incompleto” do testemunho que a Igreja foi incumbida de levar a todos os homens. Querendo dizer algo de realmente relevante a respeito da evangelização e da fé, estamos cientes do perigo de falarmos apenas de coisas já ditas e amiudadamente repetidas. Todavia, ainda que não tenhamos a ambição da “novidade a todo custo”, parece-nos possível sublinhar alguns aspectos que, na discussão atual, precisam de maior acentuação, para que revelem novas luzes e nos deixem entrever novas profundidades da verdade mais sublime do que conseguimos entender, e mais complexa do que sabemos explicar.

Antecipando a problemática central que tentaremos abordar, podemos logo dizer, em forma de pergun-

EVANGELIZAÇÃO

E

FÉ

tas: será que o verdadeiramente decisivo (e não apenas algo de “também importante”) na evangelização vai se encontrar na **exatidão matemática** do enunciado, ou na **averiguabilidade científica** dos detalhes, ou, finalmente, no comprometimento real e último do próprio anunciador com o seu evangelho? Esperamos dar alguma resposta a estas perguntas a partir do próprio Jesus, que, na sua existência humana, deve ser de alguma maneira modelo de todo pregador.

Quanto à fé cristã, supomos que todos concordam que ela não consiste primeiramente num saber ou entender, mas no abandono à Verdade crida de toda a existência e de toda a esperança. Quanto ao procedimento da nossa reflexão, julgamos útil e, talvez, imprescindível, pergun-

Pe. Karl Josef Romer

tarmos por que o próprio Jesus não excitava a fé apenas pelo simples anúncio de evangelho. A partir daí poderão eventualmente resultar perspectivas para uma reflexão sobre evangelização e fé hoje.

1. Jesus, "testemunha fiel"

Nosso trabalho não é sem risco. Facilmente procuramos no outro a confirmação dos nossos próprios princípios preconcebidos. Todo mundo, de alguma maneira já sabe o que é evangelização. Talvez o leitor queira entregar-se ao deleite de re-ler, em forma agradável e com o sabor de espiritualidade aquilo que, no fundo, ele sempre já sabia, ou ele quer experimentar a sensação duma eloquente refutação daqueles que pensam de outra maneira que ele. Em todo caso, agrada-nos sermos confirmados.

Também Jesus não falava como testemunho ocular

A Cristologia, até há pouco, estava exclusivamente demais impregnada duma visão monofisista, segundo a qual Jesus era só Deus, esquecendo-se tal teologia do verdadeiro significado da humanidade do Salvador. Segundo tal maneira de encarar Jesus, ele teria toda facilidade de enarrar o mistério divino. Ele seria comparável, numa imagem um pouco grotesca, com os primeiros astronautas que, ao retornarem da lua, sabiam contar por experiência própria o que só eles, e ninguém mais, tinham vivido e experimentado. Uma tal imagem de Jesus é errada. Jesus não é assim. Nossa afirmação, à primeira vista, deve surpreender muita gente. Mas é mister dizer que Jesus no meio dos apóstolos, não falava como "testemunha ocular" dos mistérios divinos. Ele mesmo, tenhamos a coragem de dizê-lo, ele mesmo, na sua existência de homem, nunca tinha estado em Deus. Não negamos, mas afirmamos nossa fé total na divindade de Jesus, Filho eterno do Pai. O sentido da nossa afirmação era teoricamente sempre conhecido na Igreja, e, todavia, praticamente quase sempre mais ou menos esquecido. Repetimos então: tudo o que há de humano em Jesus, seus sentimentos, sua consciência, seu amor, todo o seu ser-homem ainda é terrestre, histórico. Ainda que afirmemos com bons argumentos teológicos que no Eu íntimo de Jesus estava aquela evidência da presença divina que deve ser chamada "visão de Deus"(3), todavia temos que dizer que também para Jesus a ressurreição trouxe aquela

transformação do seu ser-humano qua atinge a íntima índole da sua criaturalidade e a consciência insubstituível da sua livre e puríssima personalidade. Também para o homem Jesus, ressurreição significava ressurreição. Ela trouxe também para ele o inefavelmente novo, o dom total do Pai.

* Isto quer dizer que, na vida terrestre, sua alma ainda tinha dimensões do incompleto. Ainda sofria, ainda esperava. O milagre de sua união com a segunda pessoa divina tem uma dimensão bem própria na sua capacidade de ser realmente como um de nós. Ou com outras palavras o inaudito da encarnação é que alguém que é verdadeiramente mortal, como nós, possa ser o Deus imortal. O dogma de Calcedônia afirma igualmente o "consustancial ao Pai" e o "consustancial a nós" (4). Se queremos saber com que rigor a Igreja sempre queria interpretar esta dupla afirmação, convém lembrar a fonte de onde o Concílio tirou a formulação tão cristalina da sua doutrina. Os bispos orientaram-se substancialmente na seguinte carta que o Papa Leão I tinha escrito ao bispo Flaviano de Constantinopla, no dia 13 de junho de 449:

"O mesmo que é Deus verdadeiro, é homem verdadeiro. Como, pois, Deus não é transformado por seu compadecimento, assim o homem não é consumido pela majestade divina. Cada realidade (a humana e a divina em Jesus), embora em comunhão com a outra, opera o que lhe é próprio. O **divino fulgor** (transparece) nos milagres; o humano em Jesus sucumbe aos agravos. Como o verbo não se afasta da igualdade

com a glória do Pai, assim a sua existência humana (a "carne") não deixa o que é próprio de um homem".

O Evangelho de João, não sem o legítimo entusiasmo de quem viu a Páscoa do Cristo diz que "o Filho de Deus nos deu a conhecer aquele Deus que ninguém jamais tinha visto" (Jo 1,18). Mas, não é menos realidade sua forma totalmente humana de existir. O corpo e a alma de Jesus ainda não estão glorificados; ainda esperam a ressurreição e glorificação (cf Jo 17,1). Não apenas por causa da difícil compreensão da parte dos homens, mas por causa de **sua própria história**, consumada só na Páscoa, o Cristo ainda fala linguagem humana. Ele fala da glória do Pai, que será também nossa glória. Mas ele mesmo, na sua realidade humana, nunca tinha experimentado esta glória. Para ele mesmo ainda era infinito o caminho a ser andado. Embora já estando em inefável comunhão com Deus, ainda viveu totalmente nas nossas sombras (cf Col 2,17); e é por isso que, "com veementes clamores e lágrimas, dirigiu petições e súplicas àquele que o podia salvar da morte" (Heb 5,7s; cf Jo 12,27).

Também Jesus, falando de Deus, falava primeiramente como um homem fala. É evidente que isto não exclui, nem põe em dúvida sua divindade, mas quer levar a sério a encarnação. Se não fosse assim, ele não seria mais o Deus **feito homem**. Se ele falasse de Deus, na forma como o catecismo, muitas vezes costuma falar, dando a impressão dum relatório de testemunha ocular, ele seria suspeito de ser o ideólogo

de um mito. O que ele falava como homem não seria maior do que sua própria existência mortal. Quem exige que Jesus fale com "divina clareza" das coisas de Deus, um tal ou nega a encarnação, ou ele faz do seu evangelho "mais claro e mais explícito" uma ideologia religiosa e um programa sublime, mas apenas humanos. Em ambos os casos, ele destrói a Revelação. Antes de a Ressurreição declarar a Jesus o "Kyrios da Glória" (1 Cor 2,8), ele deve viver e penar como homem, deve ser "menor do que o Pai". É exatamente por isso que a Igreja dos apóstolos deve alegrar-se por sua ida para junto do Pai, "porque o Pai é maior do que ele" (Jo 14,28).

X Testemunhou não só por palavra

"Muito se admiravam os ouvintes por sua doutrina, pois ensinava como quem tem poder, e não como os escribas" (Mc 1,22).

Um puro confronto com as palavras de Jesus, parece-nos, jamais levaria alguém a este juízo. Embora ele falasse o que outros já tinham falado (cf Mt 5,17), todavia o que ele falava, sob muitos aspectos, era tremendamente novo. Este novo não estava somente **naquilo** que ele dizia, mas, antes de tudo, **naquele** que falava. Não as palavras de Jesus, apenas, eram diferentes. **Ele** era diferente. O incomparável da sua mensagem está, antes de mais nada, na sua pessoa. Assim, por exemplo, chamar Deus de Pai não significava apenas um "nome" novo para o mistério eterno. Mas em quaisquer circunstâncias, Jesus, perante o mistério de Deus, era duma atitude to-

talmente nova, simplesmente inconfundível. Ele, de tal modo, experimentava em si o grande amor de Deus, de sorte que este segredo não se escondia mais perante os homens. Nele, na sua vida, Deus é o amor para as criaturas. Ele, sendo humano e mortal, é criatura; mas esta mesma realidade mortal nele está inegável e inconfundivelmente "toda" por Deus.

— A criatura, somente pelo fato de ser amada, é capaz de amar. Jesus é esta criatura em plenitude. Ele é capaz de amar Deus. É o homem que vive totalmente para fora de si", sem nunca se fechar em nada de mortal. Ele é assumido por Deus; todo seu ser é de Deus e para Deus. Assim, a íntima lei da vida de Jesus não é o amor ao próximo, mas o amor que lhe advém de Deus, e ele, como resposta total, "devolve" a Deus. Nisto está o segredo da sua absoluta e total obediência. Só neste amor, ele conhece o próximo como incondicionalmente amável, porque amado por Deus. Só a partir daqui entende-se a indissolubilidade entre amor a Deus e amor ao próximo e, ao mesmo tempo, percebe-se sua inconfundível diferença (mas jamais separação). Deus é o único fundamento de tudo. Não é o amor ao próximo que, por suas próprias forças, pudesse ser amor a Deus. Mas exatamente pelo contrário: o amor a Deus exige o amor ao próximo, e não o supõe, inclui-o inseparavelmente(5).

A entrega de amor ao Pai define a vida de Jesus. Esta definição é: obediência em amor confiante (Jo 4,34; 5,30; 6,38-39; cf Mc 14,36; Fil 2,59; et passim). O amor grande que al-

guém experimenta, não se esconde. Assim, em tudo o que Jesus era e fazia, transparecia esta única total e fundamental absorção de todo o seu ser pelo amor do Outro. Sua palavra não é só palavra informativa, mas é o transbordar duma verdade maior; é, finalmente, a abundância daquilo que ele é; ou melhor, daquilo que Deus é para ele, e que ele é para Deus.

Se os teólogos afirmam que a consciência de Deus que Jesus tinha era o maior milagre do que todos os milagres, então devemos dizer que este profundo mistério da sua vida não se transmitia em enunciados simples e corriqueiros, mas todo o seu falar recebia uma nova dimensão, através da sua **maneira de ser** (de ser tudo para Deus, por ter Deus como tudo para si). É esta a dimensão que, em Jesus, indigita para além dele mesmo.

“Ao terminar Jesus suas palavras, a multidão estava tomada de admiração pela sua doutrina” Mt 7,28. Quem é este?” Mc 4,41; cf Jo 25. Tal atitude e tal pergunta da parte dos ouvintes estupefactos é a inevitável reação à sua palavra, e mais ainda a sua maneira de ser e de viver. Em tudo isto, evidencia-se que **seu evangelho não era seu**, mas sim, de um OUTRO (cf Jo 7,16). Sua maneira de ser é nada mais do que o pertencer a Deus total e exaustivo. “De quem ele vem, e a quem ele vai” (Jo 8,14), Jesus consegue demonstrar, total e indubitavelmente, na sua morte aceita com inabalável confiança.

O testemunho da sua vida consuma-se na morte

Sua mensagem, por íntima natureza, requer um duplo testemunho: o da radical e ilimitada obediência ao Pai, e o da fidelidade vivida para com os homens, aos quais se dirige sua divina palavra. Falar em misericórdia de Deus (cf Lc 15) ou ficaria um mito, ou se constituiria blasfêmia, a não ser que a própria existência do pregador torne-se **solidária com todos** os que são míseros e os leve para dentro de **sua absoluta intimidade com o Deus Santo**. De fato, santo perante Deus, Jesus é irmão do mais perdido: do pecador. São três coisas que nisto ultrapassam a simples comunicação por palavras:

◆ A Santidade de Deus; ◆ misericórdia deste Deus santo para com o devedor humilde; ◆ a intimidade inefável de Jesus com Deus, “a quem ninguém jamais viu” (Jo 1,18).

Não por palavra, mas pelo incondicional empenho de sua vida, Jesus se opõe ao legalismo, para dar testemunho da única e exclusiva santidade de Deus; não condena o pecador arrependido, e, em coerência total com ambos (Deus e o pecador), ele aceita ser condenado pela autoridade religiosa do templo. Em testemunho da sua solidariedade com o pecador, Jesus não recusa, mas aceita a morte (cf 2 Cor 5,21; Gál 2,20). Em testemunho da sua intimidade com o Deus santo, ele sucumbe ao suplício hediondo com confiança incomparável. A livre aceitação da morte expiatória (6) atesta o amor misericordioso de Deus para o homem perdido; o amor de intimidade

com Deus, atesta que é ele o único que “desceu do céu”, e por isso o único que pode penetrar no mistério de Deus (cf Jo 3,13; 6,46; 6,38; Ef 4,9-10).

Ainda que Jesus fosse um com Deus, pela morte deu a última de que era verdadeiramente homem. E morreu sua morte — se fosse possível dizer assim — só em condição de homem (cf Fil 2,5-9). Com isto queremos dizer que ele assumiu aquilo que é o mais próprio da morte de uma criatura: ele se tornou um desamparado. Desamparado de si mesmo, despido das razões humanas, despojado da sua liberdade de dispor do que era seu. Um Outro, escondido atrás do incógnito da morte, começou a dispor da sua liberdade escarnecida e crucificada. Perante este Outro, sua morte torna-se desapego sem restrição, abandono àquele que exigiu também deste seu “servo” santo a plena des-apropriação de si mesmo.

Seu evangelho não era seu. Era de um Outro. Em nome deste evangelho ele se tinha comprometido com o pecador. Ele tinha deixado sua vida absorver-se numa dupla identidade: identidade de solidariedade com o pecador, e identidade original com Deus, do qual ele tinha vindo (Jo 6,46). Sua morte, ao rasgar sua santa vida carregada da culpa do mundo, é como que a implacável consequência daquilo que não se falava suficientemente em palavras, mas que, realmente, era a mais profunda verdade do seu ser. Com todo o seu ser, ele pertencia ao evangelho do Reino, do Pai, do per-

dão, da esperança. Na morte deveria visibilizar-se a invisível raiz da sua vida; seu mistério divino, em comunhão humana.

A fé pascal já ilumina a retrospectção sobre a vida terrestre de Jesus, quando a carta aos Hebreus tenta interpretar a certeza divina que estava subjacente à vida mortal de Jesus: “Ao entrar no mundo, Cristo diz: eis-me aqui, ó Deus, para fazer tua vontade” (Hb 10,5-7). O mesmo com implacável realismo que se une à sua fé pascal afirma o evangelho no “Fiat” do jardim das oliveiras (Lc 22,42; cf Mc 14,36). Nenhum milagre podia estar a serviço daquele que quis manifestar a misericórdia do Pai aos desesperados e malditos por seus pecados.

Por isso, onde ele participa da maldição de todos os homens, é plena sua confiança em Deus, nunca experimentada por nenhum ser humano. No exato momento em que a cruz, a dor, o silêncio divino o esmagam, o testemunho da sua vida é total: amor humano oriundo de fonte divina. Na morte injusta, ele é quebrado; mas não se quebra sua confiança no Pai amado. Onde a morte e atroz suplício, lhe arranca tudo, sua oblação, supremo ato de amor e liberdade, é completa. No esvaziar-se do horror da condenação (Gál 3,13), isto é, na sua morte de justo e de pecador (2 Cor 5,21), plenifica-se seu testemunho imortal. Como Jesus não vivia, nem pregava para si mesmo, assim sua morte deve ser um morrer para um Outro. Incansavelmente e em sempre novas formas repetirá o Novo Testamento que só o seu aniquilamento podia ser título da sua glorificação.

É verdade, sem a ressurreição o seu testemunho da vida e da morte ficaria ininteligível. Na aparição, o Ressuscitado demonstra que Deus tem ratificado o seu testemunho. Mas aqui, aparentemente, recomeça o problema. Se a palavra durante a vida de Jesus não era suficiente para atestar o divino do seu mistério, como então a ressurreição podia trazer certeza última e definitiva? Se ele aparecesse em forma simplesmente humana, então pela própria averiguabilidade de tal fato já ficaria evidente que Jesus, como Lázaro, voltou apenas a uma vida mortal, e que seu mistério não era mais do que o segredo, finalmente esclarecido e averiguado dum homem extraordinário. Tal ressurreição não atestaria a divina profundidade da sua morte humana. Mas, do outro lado, se sua ressurreição se manifesta numa aparição que ultrapassa o humano, se sua aparição manifesta o mistério divino escondido e atestado no amor sobre a cruz, então é evidente que tal atestado divino (aparição) ultrapassa mais uma vez a simples percepção e compreensão humanas. Por isso, nem todos podiam ver o ressuscitado, a não ser a quem ele se manifestou.

É exatamente por causa de tudo isso que o **martírio dos apóstolos** é absolutamente indispensável. Tal martírio pertence de um lado à própria plenificação do testemunho divino-humano de Jesus. Plenifica, por assim dizer, o mistério pascal (não o constituindo como causa, mas o totalizando no seu efeito). O martírio dos apóstolos ainda pertence, neste sentido, à própria Páscoa do Cristo, como ratificação plenifican-

te da plenitude divina de Jesus, escondida sob a noite da morte. Do outro lado, no martírio dos apóstolos constitui-se o início e o **fundamento da Igreja** (cf Ef 2,20, Rom 15,20; mas veja também 1 Cor 3, 10s).

☞ O seu “desespero” na morte não destruiu sua esperança, mas esta tragou aquela. Heroísmo de amor não é ilusão dos que se auto-enganam; morte não é destino último e absurdo de toda generosidade e bondade; mas é título da única esperança nova. De fato, no aniquilamento que é entrega de amor, plenifica-se a onipotência divina que se torna perdão. Era preciso o silêncio total da morte da criatura, para que ela não se ensurdescesse mais com o ruído dos seus próprios gritos. Era preciso que a criatura, na morte, renunciasse à sua própria autonomia, para que ela ouvisse a última e definitiva palavra de Deus, que é: **GRAÇA**. A morte vitoriosa do Cristo ficaria apenas uma bela idéia e uma grande recordação duma história passada, se a vitória da Cruz não se tornasse **vitória visível e testemunhada** na primeira Igreja. Tal testemunho da vitória pascal ultrapassa a competência de eruditas palavras. É só na fidelidade da vida, isto é, na perseguição, e finalmente **no martírio**, que os apóstolos atestam o triunfo de Cristo sobre o pecado, sobre a morte e sobre a própria Cruz.

E ao mesmo tempo, este martírio não é só demonstração daquela Páscoa (passada) do Cristo. É algo de novo. É a certeza de que a vitória daquele mistério continua aqui no nosso meio. Esta nova eficácia de-

monstra que Deus não venceu apenas em Cristo e para Cristo. Mas, por Cristo, é em nós que Ele vence hoje ainda. O martírio (palavra grega que significa testemunho) é na sua inexplicabilidade humana e na sua incomparável eloquência divina, nada mais do que o radical atestado da inelutável necessidade de visibilizar o Cristo na sua Páscoa como nosso único fundamento (1 Cor 3,11).

Era só na cruz que a evangelização do Cristo se tornou plena; igualmente é só a partir da entrega confiante a esta mesma cruz que é possível a fé plena da Igreja. Crer é sempre um ato pascal. Mas crer é sempre um ato que constitui, que cria, que radicaliza a Igreja. Esta fé tem fundamentalmente a mesma estrutura como o próprio evangelho. Cruz e Ressurreição ficariam incompletos, porque ineficazes, se não surgisse a fé da Igreja. Atesta-se a verdade desta fé não pela simples repetição da palavra do Cristo, mas demonstra-se pela divina eficácia, onde, no meio da nossa existência mortal, ela se torna vida, testemunho, martírio!

2. Evangelização pela Igreja

Queremos partir duma constatação. Por mais que o evangelho seja sempre o evangelho de Jesus Cristo, ele, todavia, é num sentido autêntico também da Igreja. Quer dizer, em nada, a Igreja se realiza tão original e tão radicalmente como no anúncio da palavra (7). É evangelho da Igreja, porque nunca ela pode anunciá-lo só e exclusivamente no nome dum outro, como, por exemplo, um enviado transmite uma men-

sagem simplesmente objetiva de um terceiro, mensagem que deixe indiferente o seu portador. É evangelho da Igreja, porque é sua única riqueza que ninguém lhe tirará, e que fundamentalmente a distingue de qualquer outra entidade humana. Ao mesmo tempo, este evangelho é de um Outro, tanto por sua origem e autoridade, como por seu conteúdo e sua exigência. Mas este evangelho não é só do Cristo porque, no seu anúncio, a Igreja fala sobre o Cristo. Mas onde ela prega em palavras humanas de fé, e com argumentos da nossa história mortal, é sempre o próprio Cristo que, vivo na sua Igreja, fala nela e através dela (Conc. Vat. II, Lum. Gent. 48; Sac. Conc. 7).

Na evangelização, não é só a Igreja quem fala; mas fala realmente o Cristo. Daí derivam-se algumas considerações que nos deixam descobrir o mais específico de todo o trabalho evangelizador da Igreja. De antemão optamos só por aquela parte do problema que julgamos a mais essencial. Comparamos o anúncio da Igreja como o anúncio-testemunho do próprio Cristo. Ficamos cientes de que será inevitável preterir tantos outros aspectos bem importantes, como, por exemplo, a condição cultural, psicológica do destinatário do evangelho, isto é, o seu condicionamento subjetivo (8). Quere-mo-nos ater ao que diz respeito ao próprio evangelizador e isto em vista da fé que ele quer "transmitir".

Só o testemunho é capaz de anunciar o evangelho

O enunciado deste sub-título não é apenas alguma tese teológica, mas

queremos ver nele a intrínseca consequência que nos advém da própria essência da pregação-testemunho de Jesus. Nunca é suficiente a palavra, seja na pregação, seja na catequese, no consolo que damos a alguém, na admoestação ou no discurso teológico. A pura palavra humana, por mais exata que ela fosse, não diria mais do que algo de **puramente humano**, terrestre e mortal. Ora, a mensagem cristã é o próprio Deus trino e a sua Graça, vitoriosamente operada em Cristo. Como é que se diz o divino? Tomemos esta pergunta com todo o seu rigor. Como é que se diz, em palavra humana, o que não é humano?

Praticamente: como é que você anuncia a ressurreição de Cristo, a graça divina que, em nós mortais, já inicia a vitória do imortal? Como você diz o perdão eterno e irrevogável? A esperança que não só é palavrório elegante, mas força divina em fraqueza humana? A certeza de que a última palavra da parte de Deus já foi dita, e dita em favor de você, e de todos nós? A alegria de que toda a nossa existência de cristãos pode ser o "Amém" confiante o grato ao "Sim" divino (2 Cor 1,20)? Qual a palavra humana que saiba **pronunciar** o divino? Ou, será que perante a irrelutável dificuldade de nossa interrogação, você quer finalmente reconhecer, que você sempre só pode dizer **suas** palavras ocas, gritos pretensiosos, cujo significado é nada mais do que a sua própria esperança incerta, sua vida, fadada à morte?

Não! Jamais! Aquilo seria apostasia da fé. Porque não é a nós mortais que pregamos, mas é a obra di-

vina de Deus em Jesus Cristo. Se não queremos trair o anúncio, se não aceitamos que o evangelho seja reduzido a um "relato objetivo", se não queremos confundir a sabedoria da revelação divina com o saber mortal das nossas inteligências, então é mister não só **pronunciar** conceitos "claros" da nossa fé, mas **anunciar** o mistério inefável que deu à nossa vida um sentido totalmente novo. Esta fé, então, é verdade não apenas enquanto transmitimos a letra dum livro sagrado, mas exatamente enquanto esta fé se demonstra eficaz em nossa vida, enquanto ela nos salva. Isto significa, fé só pode ser anunciada como salvação do próprio anunciador. A pregação só pode tornar-me feliz, só pode libertar-me no exato grau de comprometimento da minha pessoa com a verdade pregada. Só enquanto o evangelho me salva, eu tenho o "direito" de anunciar a palavra de Deus como salvadora para os outros. Isto quer dizer que a vida do pregador deve ser testemunho. E é este testemunho que, em última instância, autentica o seu evangelho.

"Segui-me", ou a ilimitada radicalidade do testemunho

Testemunho no sentido pleno e teológico, sempre coloca em xeque toda a nossa liberdade. Só o testemunho que ultrapassa nova vida e nossa morte não é mais suspeito de intenções interesseiras. Só onde eu mesmo me empenho irrevogavelmente por meu anúncio, lá o testemunho começa o "falar" daquilo que me ultrapassa. Por isso, não só "pronunciar" textos alheios à minha vida, mas verdadeiramente **anunciar**

o evangelho exige que, de alguma forma visível (embora discreta), minha existência real dê testemunho de que não procuro mais minha autocontemplação egoísta, não preciso mais fechar minha vida em minhas utilidades, humanamente tão indispensáveis, finalmente que “não vivo mais para mim” (cf Rom 14,7), nem apenas para me garantir uma sepultura digna.

A entrega a qualquer ser criado (mesmo o amor ao próximo) tem em si uma dimensão ambígua. Em todos os seres mortais, eu posso buscar meu próprio interesse. Assim, mesmo no suposto amor ao próximo, na realidade eu me fecharia mais uma vez em mim mesmo, usando o outro como meio interessante e útil. Só a entrega ao Absoluto, e minha total pertença a ele, demonstra que o amor ao próximo está aberto para Deus. O desinteresse radical e, no caso extremo, o martírio pelo próximo, é a prova de que meu amor me abre para Deus, e não me fecha nos círculos viciosos dos meus insaciáveis interesses.

O amor ao Absoluto é a aventura mais gratificante da minha vida. Ele não só sacia toda a minha sede, mas é ele que me inspira a capacidade e o desejo da imortalidade. Só no amor ao Absoluto eu me liberto totalmente de mim e, ao mesmo tempo, me recebo de modo inefável da absoluta e gratuita bondade do Outro. Porque no amor ao Absoluto eu jamais recompenso o benefício do seu amor para comigo. É Ele quem me chama para me gratificar; é Ele que me ama para me dar a capacidade de amar não só o meu eu mortal mas a sua própria imor-

talidade. É a única aventura absoluta saber que eu pertencço não a mim, mas à sua eterna e imortal bem-aventurança. Só Ele me pode libertar de mim. Por isso Ele me liberta do medo da morte e da ilusão dos meus prazeres fugazes. É Ele quem me fez para que eu pertencesse à Sua vida, à Sua eterna alegria e comunhão.

Aqui evidencia-se que testemunho no sentido teológico não deve falar de mim, mas falar unicamente d'Ele. Assim entendemos, por que testemunho de fé exige tudo de mim, envolve vida e morte. Tudo isto é dito na singeleza cristalina da palavra do Cristo: “Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. Quem conservar a sua vida, perdê-la-á, e quem, por amor de mim, perder a vida, a encontrará” (Mt 10,38s). Com outras palavras: aquele, para quem a Ressurreição de Cristo é realidade, está irrevogavelmente comprometido com este Cristo e sua obra. Porque a sua morte e a ressurreição incluem em si mesmas a minha vida, minha vocação, minha esperança, e por isso também a minha morte. O que conseguirá finalmente tirar-nos de nós e entregar-nos a Ele, é só o supremo amor. E este deve ser total. Por isso ele deve englobar nossa vida e nossa incerteza na morte.

Só tem um sentido anunciar o evangelho, se o evangelizador julgar os seus ouvintes “capazes” de se entregarem ao Cristo, sem restrição, mas com fé e amor. O mesmo evangelizador deve pregar esta fé não como um saber livresco, mas como vida. É na felicidade da sua própria vida em constante conversão que se

patenteia a imediata e próxima "credibilidade" do evangelho. Toda evangelização, como apelo ao último e total compromisso da vida por Cristo, é oca e insignificante, onde o anunciador não ilustrar e vivificar sua palavra pela discreta mas firme demonstração de que o seu compromisso com o Cristo é só a grata tentativa de resposta ao Cristo que se comprometeu primeiro com nossa vida e nossa morte.

Queremos acentuar dois aspectos que estão intimamente ligados a essa reflexão:

1.º) Perante os homens a gratuidade. Todo trabalho evangelizador necessita absolutamente do testemunho que ultrapassa o meu interesse. O evangelho, não só no seu divino conteúdo, mas também na sua aparência na vida do pregador, vive da gratuidade. Isto não isenta a comunidade imediata ou mediata do evangelizador de assumir a sua vida. Mas o evangelho e seu anúncio ultrapassam radicalmente qualquer interesse. Isto se deve patentear na atitude, no sofrimento, na paciência despretensiosa do pregador. Qualquer ar de interesse obnubila o testemunho tão indispensável, obstaculizando a causa do Cristo por minha causa.

2.º) Perante Deus a adoração. Evangelizar supõe que eu já saiba adorar. Não só rezar a Deus em súplicas, por mais que também isto possa ser forma de adoração cristã. Mas adorar Deus em si, e por si. Para isso é absolutamente indispensável que eu já tenha feito a incomparável descoberta: Deus é amável, Deus é bom, Deus é digno de ser amado e adorado. Na adoração, neste sentido radical e não interes-

seiro, tenho como que um teste se de fato já pertencço a Ele e, se na verdade, eu desejo a minha morte como um último triunfo da sua graça. Dar testemunho de fé, é tornar eloqüente perante o mundo a certeza da SUA páscoa vitoriosa. Vitoriosa na Igreja e, por isso, na minha vida.

"Digo-vos, pois, que muitos virão do Oriente..." Mt 8,11s

Testemunho cristão é compromisso de vida com a Verdade de Deus em Jesus Cristo. Toda verdade remete-nos à Verdade maior, que é Deus. Por isso, todo compromisso autotranscendente, onde alguém se entrega incondicionalmente a uma verdade maior, sabendo ou não, ele atinge Deus, pelo menos implicitamente. Sua afirmação incondicional para um valor, para uma verdade maior significa abertura para Aquele no Qual todas as verdades se originam. Com outras palavras: onde alguém, de modo irrevogável e indiscutível, mesmo com dor e grave desvantagem, se empenhar num valor que ultrapassa todos os interesses egoístas, ele já optou, implicitamente, por Deus. Seu sofrimento pela verdade, sua busca incansável do bem, sua luta intrépida pelo inocente e pelo irmão "menos importante", tudo isso são formas reais da autotranscendência. Uma tal vida está orientada para Deus. Deus não deixa de operar nela. Todo seu empenho fiel, toda sua fidelidade que nunca desfalece, são **testemunhos reais** de uma verdade à qual sua vida pertence, mas cuja última profundidade divina ele talvez desconheça.

Assim pode acontecer que alguém fale de Deus com freqüente “fervor”, mas não entregue sua vida a ninguém, e a nenhum valor incondicionalmente maior. Um tal, na verdade, não dá testemunho. Aquele, porém, que julga não “conhecer” Deus, e, portanto, não se atreve a falar em “religião”, na verdade dá testemunho real deste Deus, onde sempre sua vida se empenhar em fidelidade incondicional e não interesseira. Assim pode ser que cumpra profundamente a vontade de Deus (cf Mt 7,21; 12,50; 25,40) quem eventualmente até negue (um conceito errado de) Deus; é possível que dê mais testemunho do Eterno quem na realidade não fala de religião, mas sacrifica sua vida em inabalável fidelidade a um sentido maior: na dor, na paciência, no sacrifício puro dum serviço “inútil”, na ingratidão, e na morte. Seria — por assim dizer — o testemunho real, porém, anônimo.

“Falso” será o meu testemunho todas as vezes que eu verbalizar uma relação com Deus, que na verdade da minha existência não se concretize em nenhuma atitude radical perante os valores da vida, do próximo, da comunidade. Assim, embora eu fale a verdade revelada de Deus, esta verdade não me salva, mas me condena. Até no erro, pode haver um testemunho autêntico. Alguém, por exemplo, percebe-se, no fundo do seu ser, aberto e interpelado para uma fidelidade incondicional, como seja a responsabilidade pela dignidade do próximo e da comunidade humana. Este homem tem uma percepção verdadeira; todavia ele pode errar no momento em que tenta concretizar ou tematizar num projeto

concreto sua verdade infalível. Seus projetos sócio-políticos podem ser errados, até contradizer sua intenção; todavia, seu empenho puro contém um testemunho autêntico pela verdade maior. Infelizmente ele erra na concretização da sua obediência à verdade maior. No fundo, uma tal vida já é convertida; porém não instruída. É salvo quem erra com autêntico amor à verdade. Condena-se quem sabe a verdade sem entregar-se a ela.

“Tudo quanto não procede da convicção (de fé) é pecado” Rom 14,23. “Digo-vos, pois, que muitos virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão no Reino de Deus com Abraão...; ao passo que os filhos do reino serão lançados nas trevas” (Mt 8,11s.) Aqui, quem se julga estar dentro da Igreja, pergunte-se se sua vida está longe do Cristo e da sua Verdade. Ele poderia ser um dos “filhos do reino que serão lançados fora”. E quem prega o evangelho aos que ignoram o Cristo, pergunte-se se ele não já encontra o próprio Cristo, anonimamente procurado e afirmado, nos que se julgam sem fé e sem religião, mas, de fato, são fiéis à verdade e à dignidade do próximo e de si mesmos(9).

3. Fé sem mártires?

*; Ay!; quién podrá sanarme?
Acaba de entregarte ya de vero.
No quieras enviarme
de hoy más ya mensajero,
que no saben decirme lo que quiero.
Y todos cuantos vagan
de ti me van mil gracias refiriendo,
y todos más me llagan,
y déjame muriendo
un no sé qué que quedan balbucien-
[do (10).*

“Não me mandes mais mensageiros, mas Tu mesmo acabas por entregarte”. A Igreja primitiva rezava para que o Senhor abreviasse os tempos e acelerasse o seu grande e definitivo advento. Mais importante do que o martírio, em si e como acontecimento puramente heróico, é a fé que inspira tal heroísmo. Longe de ser uma fuga do mundo, tal atitude dos cristãos não era nada mais do que o último realismo da fé duplamente comprometedora. A fé mistura-nos ao mundo. Mas jamais devemos nos contaminar com ele. Ao contrário, o mundo precisa ser contaminado pela fé para poder erguer-se da sua letargia. Sua chaga letal que está em todos os homens, não se sara senão com o único antídoto contra o veneno mortífero do pecado. O Cristo, sua graça, sua vida imortal, eis o único remédio para a morte do mundo.

A fé é muito mais uma opção constantemente a fazer do que uma paz tranqüilamente possuída; mais o começo duma imprevisível aventura do que um descanso prematuro para os pusilânimes; mais desinstalação em vista dum ideal empolgante e demasiadamente alto do que uma âncora fixada nas mediocridades dos nossos próprios horizontes. Como o evangelho envolve no testemunho toda a existência do pregador, assim a fé de quem se converte ao Cristo coloca o crente radicalmente dentro do mundo com os seus inextrincáveis compromissos e suas angustiantes interrogações. Mas, ao mesmo tempo, deixando-nos em meio a um mundo moribundo, esta fé já nos faz partícipes duma nova imortalidade. Crer não é aceitar coisas e verdades reveladas; mas crer é an-

tes de tudo entregar-se ao Cristo. É amá-lo na sua vitória pascal, é desejá-lo com ânsia insaciável, é pertencer mais a ele do que a nós mesmos, é desinstalar-se de si; é instalar-se na eternidade de Deus que surgiu na Páscoa do Cristo (cf 1 Cor 6,19; 7,22-23).

Não existe tensão maior do que viver a fé na imortalidade, sendo ainda revestidos da mortalidade com todas as suas esplêndidas ilusões. Quem se entrega ao apelo da graça que lhe advém da pregação, já percebe quanto o próprio anúncio do evangelho é um difícil balbuciar. A própria pregação ultrapassa o pregador e acorda no crente o desejo da experiência vital com o próprio Cristo. Não chegou à fé madura, quem não experimenta quanto o Cristo se constitui força nesta vida, esperança, presença e amor frente à morte.

Fé é o verdadeiro “entusiasmo” (11). Tal fé coloca-nos em radical tensão com o mundo que amamos e no qual vivemos: “E vós sereis odiados por todos por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até o fim, será salvo” (Mt 10,22). Hoje, felizmente, acordou entre os cristãos uma nova percepção desta verdade. Embora muitos ainda não sintam a salutar aversão da fé contra a tão apregoada “igualdade com os outros” e continuem, alegres, nivelando o testemunho débil de sua fé dentro do pálido igualitarismo dum mundo exangue. Muitos, todavia, também jovens, percebem que todo nivelamento é fraqueza, e todo “protesto-contrário” torna-se atitude esquiva. O protesto do Cristo é fundamentalmente protesto por algo.

Quem descobriu a profunda tensão que a encarnação implantou no âmago do mundo, entenderá a palavra do evangelho:

“Não julgueis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas, sim, espada. Porque vim para opor o homem ao pai, a filha à mãe, a nora à sogra: ter-se-á por inimigo gente da própria família” (Mt 10, 34-36). Esta fé, oposição ao mundo, baseia-se não numa teoria religiosa. Mas nasce de um amor. Crer é “crer no amor” (1 Jo 4,16). Mas esta tensão do crente com o seu mundo tem sua reconciliação neste mesmo amor. No Cristo amado pela fé, aprende-se o amor verdadeiro ao mundo. Por isso, nossa fé, distância radicalmente crítica contra o próprio mundo na sua pretensiosa arrogância, só pode ser fé viva e operante através do amor para com todos (cf Gál 5,6). Na fé, paradoxo total da existência cristã, o fiel pertence mais àquele que não vê e empenhando-se, sem restrição, pela vocação santificadora e libertadora do mundo, ele já não pertence mais àquilo por que ele pena e sofre. Mas pertence Àquele em cujo nome e por cujo amor ele vive. Assim fala a Escritura:

“Nenhum de vós vive para si mesmo, como nenhum de nós morre para si mesmo. Porque, vivendo, vivemos para o Senhor, e morrendo, morremos para o Senhor. Tanto na vida como na morte pertencemos ao Senhor” (Rom 14,7-8). Mas a mesma Escritura insiste que esta fé, amor ao Senhor, só é legítima se ela se concretiza no amor operante. “A ninguém fiquéis devendo coisa algu-

ma, senão a caridade mútua. O amor é o pleno cumprimento da lei” (Rom 13, 8.10).

Nossa fé-amor no Cristo não só exige, mas santifica, preenche e transforma nosso amor ao próximo. Deus em Cristo torna-se “mais íntimo que o que há de mais íntimo em mim, mais sublime do que aquilo que é o mais elevado em mim” (12). Deus não é o meu “eu”; Deus não é meu amor. Mas ele é mais meu do que seu próprio eu. E na experiência mortal do amor que troco com o meu próximo. Ele já é presença divina, Ele em nós, já é início da imortalidade.

Este amor para com o próximo é fé operante, comprometida com todos os irmãos. Este amor-fé (amor-entrega confiante) só se vive no testemunho que ultrapassa as puras palavras e, assim, atesta o que nenhum conceito humano consegue dizer. Devemos falar mais por gestos e pela vida do que pelas palavras. Não todos terão o privilégio de poderem consumir seu amor ao Cristo pelo martírio. Mas todos têm a vocação e a graça de consumirem sua existência na generosa e humilde fidelidade que é: testemunho de vida. Parece que cada vez mais vivemos numa época em que muitos não entendem o que queremos dizer com a palavra “Deus” ou “Cristo”. Mas eles entenderão o testemunho de fé visibilizado na nossa vida. E entenderão o testemunho da nossa morte, não heróica e teatral, porém humilde e inabalavelmente confiante. Muitos deles não chegarão a rezar nossas orações; mas muitos “ateus” modernos chegarão a “ler” nosso testemunho, e poderão dizer:

Sim, vale a pena ser bom; vale a pena viver para algo que é "maior".

Destarte, sem sabê-lo, no testemunho do fiel, eles começarão a perceber o que não se fala, porque é maior do que nossa própria vida. Eles, sem saber o que isto significa no fundo da consciência e perante a face de Deus, começarão a entregar sua vida ao apelo da "bondade incondicional", ao risco da "fidelidade indefectível". Eles terão aprendido o testemunho de fé dos crentes. Eles crerão...! Neste sentido, é mister falarmos menos para que, por nossa sinceridade, Deus se anun-

cie mais. Ai de quem anunciar Deus só por palavras; Deus mesmo lhe denunciará sua vida impenitente (cf Fil 1,27s. 15ss).

Quem crê verdadeiramente, deve dar o mesmo testemunho como o próprio evangelizador. Passaram por minha vida tantos irmãos, tantas irmãs, meus pais, meus amigos. Por suas vidas, com a discrição que não precisa de muitas palavras, legitimamente eles me deram o testemunho do amor, como que repetindo a palavra de São Paulo: "Sede meus imitadores como eu sou de Cristo" (1 Cor 11,1).

NOTAS

1. Segundo 1 Tess 1, 5 o evangelho não consiste só "em palavras, mas em **dynamis e pneuma**", isto é, virtude divina e Espírito Santo. Cf. Mt 24, 15: pregação e testemunho. Quanto à "dynamis", a potência divina e pascal que está no evangelho do Reino de Deus, vejam-se os textos como Ef 1, 20; 3, 20; 2, 4-6.

2. RAHNER, KARL, *Theologische Bemerkungen zum Begriff "Zeugnis"*, em *Schriften*, 10, 180.

3. RIEDLINGER, HELMUT, *Geschichtlichkeit u. Vollendung des Wissens Christi*, Herder, Q. D., n.º 32. RAHNER, KARL, ... sobre o saber de Cristo: *Escritos de Teologia*, V, 221-243. GUTWENGER, E., *Bewusstsein u. Wissen Christi*, Innsbruck, 1960.

4. *Symbolum Chalcedonense*, D 148; DS 301.

5. Na ordem real da verdade das coisas, o amor a Deus não é nem o fruto nem a consequência do amor ao próximo. Mas Deus, que ama o homem divinamente na sua cruz, é a nova e absoluta razão do meu amor (divino) pelo próximo. Evidentemente, no nível da minha consciência é bem possível

que, só mediante o amor fraterno, eu venha a conhecer o amor divino. Este amor fraterno, quando autêntico, já sempre é obra da graça caridosa e fecunda de Deus, e nossa resposta (consciente ou não) ao chamado de Deus que nos nobilita e liberta

6. Quanto à aceitação da morte por Jesus cf SCHURMANN, HEINZ, *Jesu ureigener Tod*, Herder, 1975, pp. 33-65: "Se há algo que caracterize a pregação de Jesus, então é a radicalidade face às exigências de Deus". "É suficientemente evidente que Jesus só passivamente se submeteu ao inevitável, mas que ele o integrou ativamente na sua atitude". Cf página 45, nota 108; cf KASPER, W., *Die Sache Jesu*, em *Her Korr* 1972, p. 188: o mais característico é a identidade entre pessoas e causa de Jesus.

7. Ainda no sacramento, o anúncio da palavra chega à sua forma mais solene, visibilizando-se em gestos que, por ordem de Cristo, explicitam o mistério anunciado pela própria palavra e infalivelmente eficaz pelo Espírito na Igreja.

8. Entre inúmeros trabalhos convém lembrar a orientação pastoral e catequética que o Padre Libânio dá em seu recente artigo: LIBÂNIO, J. B., **Reflexão Teológica sobre a salvação**, em Síntese 1, 1974, 67-93.

9. Tais "sem-fé" muito podem contribuir para a glória de Deus: Ad Gentes, 22a; GS, 22e. "Sempre onde uma verdade é afirmada incondicionalmente lá está Deus com a necessidade total, mesmo que seja de modo simplesmente anônimo, e mesmo que o homem não saiba tematizar nem verbalizar esta

verdade inevitavelmente implícita, ou também onde culpadamente se se nega e fecha para este mistério radical do seu ser": RAHNER, KARL, **Theol. Uebersetzungen zu Saekularisation und Atheismus**, em Schriften 9, 194".

10. San Juan de la Cruz, Cântico espiritual, 6 e 7.

11. Entusiasmo vem do grego: **én-theos** = cheio de Deus, arrebatado, extasiado, possesso; **enthousiázo**, **enthéázo** = estar cheio de Deus, transportar-se, enfurecer-se.

12. Santo Agostinho, Confessiones.

No momento histórico em que vivemos, sente-se a necessidade e a urgência de aprofundar e repensar o modo de anunciar a mensagem evangélica. O "ide e fazei discípulos meus todos os povos..." (1) atinge todo o arco da História e todo o homem em situação. As congregações religiosas dedicadas à educação, ao ensino, procuram, dentro de questionamentos e dificuldades, encontrar pistas para concretizar o apelo do Senhor na fidelidade ao Espírito que tudo renova. Por terem feito uma oferta generosa da própria vida, a fim de seguir o Cristo e anunciá-lo, empregam esforços, às vezes nem sempre eficazes, para conseguir, dentro do próprio carisma, o objetivo proposto. A situação da realidade brasileira levou a sociedade civil a dar maior atenção à tarefa educacional, sobretudo nos últimos anos. Incentivou-se fortemente o aspecto quantitativo, atendendo ao dever de dar a todos os cidadãos uma formação adequada.

Essa expansão, juntamente com outros fatores socio-econômicos, políticos e culturais, trouxe uma acentuada diminuição de escolas católicas. Em 1964, 70% das escolas secundárias do Brasil eram dirigidas pela Igreja, hoje a percentagem não passa de 40% (2). Apesar dessa sensível diminuição de escolas católicas, centenas de milhares de alunos passam pelos bancos de colégios dirigidos por padres, religiosas ou religiosos. O que se constata muitas vezes é que grande maioria desses alunos, ao deixarem a escola "não praticam" mais a religião. E isso quando não saem com ódio e alergia a tudo o que se refere a práticas religiosas.

EVANGELIZAÇÃO

E

ESCOLA

CATÓLICA

Tal situação não deixa de questionar a todos os que de uma forma ou de outra, tem a responsabilidade de trabalhar nas escolas católicas, cuja missão é evangelizar e fazer crescer na fé. Neste processo de transformação evangelizadora da escola é necessário ter em mente que o homem de hoje é diferente.

O homem de hoje

Hoje, mais acentuadamente, num misto de esperança e angústia, o homem questiona o sentido de sua vida: de onde veio, porque está aqui neste mundo, para onde vai. Dotado de um profundo senso crítico, reflexivo e criativo sente-se senhor da história. Com particular sensibilidade para o aspecto comunitário e social, percebe-se cada vez mais cidadão do mundo. Devido ao pro-

Ir. Afonso Levis, fms

gresso técnico e científico domina e recria a natureza e o cosmos. Consciente de sua inteligência, imprime dinamismo nas mudanças e transformações. Impulsionado pelo sentido agudo que tem de sua liberdade, abomina toda forma de escravidão e de imperialismo. Marcado por uma dimensão de abertura aspira profundamente à plenitude, e coloca-se no processo contínuo do devir. Sensível aos valores humanos e terrenos insurge-se contra qualquer forma de injustiça; e sofrendo toda espécie de contradição espera por uma total libertação.

O Vaticano II não partiu de uma definição racionalista do homem. Focalizou-o em sua unidade e totalidade como o "eixo de toda explanação" (3). Considerou-o em seu mistério, em sua relação existencial

com o Cristo que lhe manifesta e revela a vocação transcendente (4). Que é chamado a salvar-se não individualmente, mas em povo, comunitariamente (5). Que merece todo o respeito e para cujo bem se devem orientar todas as organizações (6). Este homem, dentro da visão existencial e personalista, é um ser situado, agente de transformação. Faz surgir um mundo com características diferentes. Mundo que passa do dogmatismo para as sínteses provisórias e sempre passíveis de reelaboração. Passa da estaticidade para a criatividade, para a racionalização e planejamento, para a dinamicidade. Um mundo no qual o centro já não é mais o cosmos mas o próprio homem. Um mundo que se socializa, que se torna mais solidário e comunitário (7).

Olhando para o outro lado da moeda percebe-se: um mundo absurdo, onde se perdeu o sentido do homem e das coisas, e ninguém mais sabe para onde vai e o que está fazendo. Um mundo técnico, no qual o homem está envolvido e perdido. Um mundo das coisas: uma civilização materialista na qual a supremacia do **ter** sobre o **ser** encontra cidadania franca. Uma sociedade de consumo que busca **ter** mais felicidade a **ser** mais feliz. Um mundo hedonista onde a oferta do prazer sobrepuja a possibilidade de felicidade profunda. Um mundo infernal que se torna sufocante e não permite mais ao homem respirar; um mundo sem alma. Um mundo secularizado e mais ainda, um mundo pagânizado, que quer preencher o vazio deixado ao abandonar a Deus, por falsos deuses cultuados em todos os

níveis e todos os planos (8). Dentro desse mundo secularizado, pluralista, se apresenta a Igreja cuja função específica foi delineada pelo Vaticano II, indicando as linhas fundamentais.

Uma Igreja de **diaconia**, **serviço** para promover a dignidade do homem, preparar condições mais humanas, libertando-o das situações injustas (9). **Sinal** de Cristo entre os homens, onde toda pessoa é valorizada e convidada a desempenhar a sua missão específica (10). **Sacramento de salvação**, com missão especial de anunciar a Boa Nova e estabelecer a fraternidade entre os homens; **presença** salvadora que o Cristo já iniciou e que será completada no final dos tempos, quando Ele apresentar todas as coisas ao Pai. **Comunidade, povo, corpo** onde todos devem ajudar-se mutuamente, na diversidade dos dons e crescer até o dia da consumação (11). Uma Igreja **aberta** para a renovação, purificando-se para chegar à perfeição da caridade (12), reconhecendo os valores próprios do mundo (13), das outras religiões (14), das culturas (15)... Igreja que deve proclamar a salvação de Cristo. Proclamá-la a todos os homens manifestando o grau de consciência profunda que ela tem com relação ao caminhar do povo de Deus para a escatologia.

Em poucas palavras: Igreja que se apresenta como **presença** salvadora, **encontro** com o mundo, na dimensão comunitária.

É nessa dimensão comunitária e através dela, anuncia a todos o Mistério escondido desde todos os tempos, e que foi manifestado e reve-

lado claramente em Jesus Cristo. Anuncia a Boa Nova trazida por Ele, a salvação, a fraternidade entre os homens, o caminho a seguir para a construção dos novos céus e da nova terra. Numa, palavra, evangeliza.

Evangelização

O que se entende por evangelização pode ser expresso de diversos modos, conforme o enfoque que se quer salientar. Ela é uma atividade complexa. "A multiplicidade de seus aspectos explica a diversidade dos pontos de vista, a heterogeneidade e às vezes, os antagonismos dos movimentos e das iniciativas que se apresentam para realizá-la" (16).

Biblicamente evangelizar é: ◆ Primeiramente, proclamar o acontecimento histórico realizado no momento em que Cristo aparece no mundo como Senhor da História, como objeto central da pregação, já presente neste mundo. Anúncio alegre do nascimento do Salvador (17); anúncio da missão evangelizadora do Cristo, cumprimento das Escrituras (18). Cristo cabeça da Igreja inicia a obra evangelizadora ◆ Em segundo lugar, anunciar a Boa Nova para todos os homens, sem distinção. Este sentido universal da mensagem compreende a aceitação da fé e também o crescimento na fé recebida. "Deus, nosso Salvador quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento pleno da verdade" (19). ◆ Em terceiro lugar, evangelizar não é só proclamar a Palavra mas também viver conforme o Evangelho. É evangelizar pelo testemunho no qual se manifesta a ação do Espírito do Senhor (20).

O Sínodo dos Bispos de 1974 não definiu univocamente a evangelização. Ressaltou a importância do anúncio explícito do Evangelho pela palavra. Frisou também a íntima relação entre as funções que entram na atividade evangelizadora: pregação da palavra, testemunho de vida e administração dos sacramentos (21). Entre elas deve haver um equilíbrio dinâmico, e dinamicamente levar à conversão e à abundância de vida em Jesus Cristo (22). Evangelizar é iluminar e esclarecer o homem em seu mistério profundo e comunicar-lhe o Cristo, manifestação do Amor eterno do Pai, vivo entre nós e que dá o sentido último da existência humana, a fim de suscitar uma resposta de amor e adesão opcional a Ele. É colocar o homem em contato com a Palavra para deixar-se por ela penetrar e nela encontrar a luz e as forças para a caminhada para o Pai.

Ora, como vimos, o homem atual tem uma sensibilidade profunda para o aspecto social, para o comunitário. Ele é chamado a salvar-se comunitariamente. A evangelização eficaz faz-se dentro de uma comunidade, de uma célula eclesial. Se olharmos para o Antigo Testamento percebemos que a idéia de solidariedade, de povo é uma das linhas mestras da antiga aliança. Deus estabeleceu a aliança não com uma pessoa, mas com todo o povo. Israel será salvo comunitariamente. Ele é o povo escolhido e que realizará o plano salvífico (23), e será o povo de Javé (24), com características especificamente religiosas, embasadas, porém, na realidade e nos elementos naturais de um povo.

É uma comunidade de raça com unidade de origem, mas que assumiu elementos de outras, purificando-os; comunidade de instituição, organizada em células fundamentais; comunidade de destino onde todas as experiências vitais dão a Israel uma alma, um espírito comum; habitando numa pátria, a terra prometida, com certeza da presença de Javé, mesmo estando no exílio; comunidade de língua assimilando outras, e expressando por meio dela a Revelação; comunidade cultural onde, conforme a Aliança, o culto ao Deus único é função suprema da nação (25).

No Novo Testamento confirma-se que a salvação da pessoa se dá dentro da comunidade. Os limites desta são alargados; o horizonte é mais amplo que a nação de Israel. As fronteiras são supressas. Todas as nações, todos os povos são chamados a constituir a "ecclesia", o povo de Deus. Mas Jesus torna claro também que, se a salvação é comunitária, ela não é "massificante". Toda pessoa é objeto de particular atenção. A pessoa é o ponto referencial e o centro de toda a ação sua salvadora, ação feita em dimensão comunitária.

Jesus é consciente de ser O enviado do Pai e portanto pode chamar (26) e enviar quem quer (27). Por isso constitui uma comunidade que com Ele será o protótipo não só para Israel mas para o novo Israel, a Igreja. Nela, após a Páscoa, os laços de caridade criados pela presença misteriosa de Cristo Ressuscitado impelirão as pessoas a testemunhar e anunciar a Boa Nova: que todos estamos inseridos no processo

de 'cristificação' e chamados a nele participar. As comunidades eclesiais estão cientes disso. Mas nem todos os homens o sabem. E a salvação não se processa porque a comunidade o sabe, ou porque outros não estão cientes. A missão da comunidade, da Igreja é proclamar e testemunhar a salvação. Ser sinal! Ser sinal, significar e proclamar a Presença do Senhor que salva, no meio de nós, é o próprio, o específico de toda comunidade que se diz cristã. É o próprio de uma escola que se diz cristã. É o próprio de uma escola que se diz católica.

A escola católica, resposta à necessidade de Evangelização

No passado a escola era o centro, quase exclusivo onde o educando ia para receber os segredos do saber. Era o centro de libertação da ignorância. Hoje, com o progresso técnico, com os meios de comunicação, com inúmeras associações de caráter cultural, respiramos uma atmosfera onde instrução e conhecimentos já não são mais privilégios da escola. Esta deve ser hoje o centro propulsor, o arauto de conscientização das situações e estruturas que impedem a fraternidade humana e oprimem as pessoas, e dificultam o processo salvífico. Pensadores há que julgam poder "substituir a escola por um sistema educativo puramente artesanal, tendo por base a cooperação de especialistas de diversas ciências e técnicas, e entregue à fantasia dos alunos-usuários, que escolheriam livremente seus cursos" (28).

Mas ao que parece estamos caminhando para uma síntese, na qual

se percebe mais do que nunca o valor fundamental da escola, em particular da escola católica. Não, porém, para exaltar o privado, o particular, mas para ficar dentro do pluralismo cultural (29). "Não conforme a padrões que pertencem ao passado e já não correspondem à realidade contemporânea; também não para assumir o papel supletivo que os grandes sistemas do Estado dispensam; não como guetos fechados sobre si mesmos, o que daria a impressão de centros de duvidoso proselitismo" (30), mas como um meio de excepcional importância para a evangelização, para a educação da fé, para transmitir os valores fundamentais do homem. Não como o "órgão de uma autoridade preocupada com um objetivo religioso, mas lugar de encontro de uma comunidade de cristãos que testemunham sua fé no mundo da educação e da cultura" (31). Ora a constatação que se pode fazer é que a atual escola católica está longe de atingir este objetivo. Ela não acompanhou o ritmo da transformação e das mudanças do mundo atual. Mudanças aceleradas, profundas ambivalentes. Ficou nos moldes de uma época que lhe deu origem; moldes que já não correspondem às necessidades do educando de hoje, do homem atual. Em parte é compreensível porque a escola bem como a educação em geral, transmitem modelos culturais e sociais do passado. E nesse sentido é conservadora.

Por isso desde a eficácia da missão apostólica a que é chamada a exercer, bem como a própria identidade e sua razão de ser passam pelo crivo das contestações e questionamentos. Contestações que atin-

gem o testemunho evangélico por parte da comunidade religiosa, diante das exigências de uma comunidade educativa; a clientela, que em grande parte pertence a classes sociais mais abastadas e que dá à escola o cunho de elitista, pois “os colégios transformaram-se em sinais de promoção social. Os pais mandam os filhos aos colégios católicos não porque querem uma educação cristã, mas porque querem manifestar sua promoção social, ou dar aos filhos o acesso a uma classe social” (32). Também são contestadas as estruturas que muitas vezes são consideradas um fim em si, e não como um meio que o homem utiliza para prosseguir sua caminhada histórica.

Não se nega toda a experiência humana passada, da qual nos beneficiamos e usufruímos dos resultados. O que se quer é ultrapassar aquela estrutura que se tornou esclerosada, que não permite a homens de momentos históricos diferentes fazer sua própria experiência e realizar a própria missão, a própria história. Quer-se a eficácia cristã da escola e sua adequação entre o que pretende ser o que na prática visibiliza. Quer-se mudar, trocar um modelo cultural. Mudança é lei de vida! E para permanecer em vida é preciso a capacidade de aceitar e assumir esta lei dinâmica. As trocas são eficazes não à base de documentos e mandatos, mas à medida que houver abertura ao Espírito, o qual suscita apelos, talvez chocantes a princípio por causa de nossa mentalidade, mas que acabam por mostrar a verdade de quem os inspira.

Esse é o dinamismo de toda renovação profunda e duradoura. Esta foi a atitude de homens carismáticos como o foram os fundadores, na resposta às necessidades da época em que viveram. Souberam “criar aquelas condições para que a ação do Espírito encontrasse clima e terreno para acontecer no coração dos homens” (33). Este é o apelo da Igreja que incentiva os educadores católicos e congregações docentes a se renovarem e adaptarem às mutações históricas, a se atualizarem (34). É mais cômodo seguir na aparente segurança, do que partir para o desconhecido na esperança e na certeza de quem chama. “Deixa a tua terra...” (35). É mais fácil seguir o caminho percorrido por outros! E é bem por isso que é mais fácil fundar uma nova instituição do que renovar uma antiga!

A escola católica: uma comunidade missionária

A renovação poderia ser encarada como um “modernizar” a escola. Torná-la um modelo, um protótipo para outras escolas, utilizando métodos modernos, racionalizando os meios econômicos, as capacidades de criatividade, aviando um processo de planejamento. É um passo! Mas isso não leva a escola a sair de seu círculo de pessoas! E a questão talvez está menos em melhorar a educação dentro do sistema vigente, do que propor e criar condições para um novo modo de ser homem: ser cristão, ser-para-os-outros. Muitas escolas católicas estão sendo para as pessoas que a freqüentam. Enquanto, porém, não se sair deste círculo, para ir ao encontro de ou-

tras pessoas mais necessitadas, não se terá feito a experiência de Cristo indo ao encontro dos pecadores e dos publicanos, anunciando a chegada do Reino.

Libertar o homem é bem mais do que um simples assistencialismo, é bem mais do que a "promoção humana", bem mais do que a promoção intelectual. É **solidarizar-se** com os mais necessitados, com os sem voz, com os abandonados e enfermos. Um dos sinais da irrupção do Reino entre os homens é manifestada pela evangelização dos pobres, pela atenção às pessoas que estão à margem da "sociedade", para fazê-las passar a uma condição mais de pessoa-humana. "Ide e dizei a João: os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres" (36). Isto é: chegou a salvação até para os que são considerados objetos, trastes da sociedade, porque são pessoas e têm muito para dar; e também, somente os que têm um coração aberto, livre da ganância de ter sempre mais, para **ser** mais "pessoa", somente esses compreendem e acolhem a boa nova, o evangelho, o anúncio alegre da passagem para o homem novo.

A sensação de auto-suficiência impede a aceitação e o deixar-se penetrar pela mensagem salvadora de Cristo, impede o diálogo autêntico, aquele em que se procura entrar 'na pele do outro' para compreendê-lo melhor. O colégio católico não pode deixar de ser um centro aberto, um centro multiplicador de mensageiros da boa nova, missionários, de homens novos. Não só pelo saber a mensagem, quanto pelo crescimento

e testemunho, na prática, de uma doação pessoal: partilha do ser, do ter e do saber com todos e sobretudo com os mais desassistidos, com os mais humildes e desamparados, e com eles aprender a ser abertos e simples. A escola católica deve fazer acontecer o anúncio evangélico na sociedade. Ser ponto irradiante, ponto de partida para a transformação tanto cultural, social, como sobretudo evangélica do mundo. Não na auto-suficiência, mas na abertura e na contínua busca, porque estamos sempre aprendendo. Não na incerteza, mas segura e com metas e objetivos bem definidos e com meios aptos para alcançá-los.

Um dos problemas no anúncio do evangelho é o da transmissão e recepção da mensagem: problema de linguagem. Linguagem não é só o que se diz ou se escreve, mas também o que fica para ser expresso e que se manifesta por atitudes. Nela há sempre dois interlocutores: o que transmite a mensagem e o que a recebe. A compreensão depende das componentes e parâmetros intelectivos, baseados na experiência vital, tanto de um como de outro. Quanto mais um entra em consonância com o outro, tanto melhor será a compreensão. Quanto mais um procura "colocar-se no outro" tanto mais fácil será o entendimento e inteligência. É fato da experiência quotidiana, que uma pessoa queira expressar uma idéia e a outra a receba e compreenda de modo diferente daquele que a primeira queria transmitir (37).

Na evangelização a comunicação exige que a transmissão da mensagem se torne compreensível a quem a recebe. Compreensão que decorre

do **testemunho** e da **palavra**. "Não basta, pois, repetir ou explicar a mensagem. É preciso reexpressar incessantemente, de novas maneiras, o Evangelho em relação com as formas de existência do homem, tendo em conta os ambientes humanos, étnicos e culturais e guardando sempre a fidelidade à palavra revelada" (38). Muitas fórmulas de fé não atingem o homem hodierno. A experiência vital que deu origem à formulação das verdades que recebemos, já não é mais suficientemente perceptível. O élan primigênio da experiência, a riqueza da fé, passam pela **kenose** da transformação para ressurgir dentro de uma compreensão mais profunda para o homem atual.

E se a linguagem que se utiliza para transmitir a Boa Nova parece irreal aos homens de hoje, é porque perduram fórmulas que se ressentem de uma cultura passada, hoje considerada ultrapassada. Mais. Não está em jogo só a palavra. Não é só questão de vocabulário. Mas a posição que o homem tem dentro do universo, posição de transformador, de re-criador (39), obriga a nova formulação do conteúdo, condizente com o momento histórico presente. A dificuldade em transmitir a mensagem evangélica com termos acessíveis à mentalidade de hoje, causa em muitos insegurança e embaraços. Sente-se a falta de preparação por um lado, e por outro teme-se trair os dados da Revelação ou de transmitir algo ultrapassado que não é mais aceito por um mundo que caminha e cresce. Dali a necessidade de se utilizar meios e métodos que atinjam o homem-em-situação. Que o façam captar e compreender a pa-

lavra de Deus através da própria vida do homem, e nos acontecimentos. Que o levem a abrir-se à ação do Senhor, na História, e na vida de cada um.

Um desses meios é educar para o mundo da imagem. Ensinar a compreender os mass-media, a receber criticamente o que se percebe nos meios de comunicação. Por que, segundo alguns, "amanhã toda evangelização — e também toda educação — será feita mediante a linguagem dos **media**; e neste caso os meios visuais sonoros desempenharão um papel preponderante" (40).

Os **media** são meios positivos e instrumentos de grande importância para transmitir valores relacionados com a dignidade do homem que o tornam mais homem(41). O importante, além do emprego dos meios de comunicação social para a evangelização, é que a participação ativa, o contato e reflexão pessoal e grupal sejam assegurados e fomentados. Pois a evangelização deve ser personalizante. A comunicação direta e pessoal da Palavra ficará sempre um meio básico de evangelização. A escola católica, transformada em comunidade educativa evangélica será um lugar de excepcional importância para a evangelização.

A escola católica: comunidade educativa na linha do Evangelho

Comunidade educativa entendida como um processo de personalização mediante o diálogo que parte de um interesse comum e se desenvolve na interação dos membros que se educam constantemente em comunidade, e em contato com outras pessoas

e setores sob a luz dos princípios evangélicos (42).

A ESCOLA é cristã não tanto pela informação religiosa que nela se transmite, quanto pelo **ambiente e clima evangélico** permeante, que estimula tanto o educando quanto o educador a viverem a mensagem de Cristo a cada instante e em qualquer lugar que se encontrarem. Uma atmosfera de liberdade, de sinceridade e de caridade, favorecendo o crescimento da personalidade conforme a nova criatura (43). Nela as pessoas se educam crítica e continuamente, para perceberem não só a “realidade-real” mas também a “realidade-desejável”: aquela que torna possível o surgir do homem novo; aquela pela qual o cristão se empenha e que o Cristo já conquistou com sua Páscoa. Um clima de fraternidade, de confiança, de igualdade entre as pessoas sem nivelá-las funcionalmente, onde:

- Todas se sentem sujeitos de educação permanente tendo por base o diálogo;
- as relações inter-pessoais se aprofundam, se fortificam e são iluminadas pelo viver o “hoje-consciente” do Deus presente no meio de nós;
- todas as forças educativas, linhas de ação, **métodos**, meios, conteúdo e finalidades... estão integradas para a libertação da pessoa;
- a organização da escola é obra de todas as pessoas que nela se inserem e não só de alguns;
- a ação da obra educativa está plenamente inserida e entrosada com a realidade social, cultural da comunidade tanto local como universal;
- a atitude de busca da vivência evangélica é assumida no dia-a-dia, na comunhão com o outro (44). Este

é um clima onde há condição para a pessoa desenvolver-se e con-formar-se com o Cristo.

O EDUCANDO é o centro e a razão de ser da escola. Sujeito da própria educação; agente responsável na busca de novos caminhos para a escola e para a sociedade. Devido à sua sensibilidade, seu dinamismo, sua inquietação questiona os valores que lhe são apresentados. E é dever prioritário da escola, não só deixar, mas proporcionar ambiente onde o educando possa descobrir a verdadeira axiologia de valores, discernir os direitos e deveres decorrentes da dignidade da pessoa humana, e em função dela estabelecer as atitudes em relação com o mundo (45). O educando, também evangeliza quando denuncia, cria crises, problematiza, faz dar um passo desinstalando de situações que impedem o desabrochar do sentido último do homem e a realização dos sentimentos profundos e desejo de plenitude colocados por Deus em cada homem. Obriga a discernir e purificar de concepção mágicas a mensagem de Jesus; a aprofundar a fé, “que esclarece todas as coisas com luz nova, manifesta o plano divino sobre a vocação integral do homem e por isso orienta a mente para soluções plenamente humanas” (46). Obriga a conscientizar-se. E sem conscientização e sem politização não pode haver evangelização (47).

Todo o CURRÍCULO, todas as disciplinas e atividades entram na formação do educando (48). É a visão cristã que se tem delas que possibilita o desenvolvimento da vida humana segundo o Espírito. Deve haver entretanto, no projeto educacio-

nal da escola, transmissão explícita e sistemática da mensagem evangélica, transmitida assistematicamente, através de métodos e meios adequados ao educando hodierno (49).

Evangelizar com insistência, o que não significa transmitir modelos culturais ultrapassados ou verdades arcaicas.

Sobretudo a **COMUNIDADE RELIGIOSA**, apesar das dificuldades, do peso das estruturas das grandes obras escolares, da diminuição das forças, não pode omitir-se no anúncio do Evangelho. Deve revelar o sentido da salvação: mostrar que a mensagem da salvação corresponde não só às aspirações mais profundas do coração humano, na busca de sua libertação do mal e de consecussão da felicidade e da paz, mas abre estas aspirações a dimensões novas de universalidade e de eternidade a uma esperança insuspeitável e maravilhosa, na comunhão com o próprio Deus (50). Insistir a tempo e a contratempo (51), sabendo que se faz caminho ao caminhar; e superando a dicotomia entre ser-religioso e ser-educador crer na missão insubstituível junto aos jovens.

Ciente, porém, de que não se educa à fé só pelo fato de se lecionar religião, ou porque a escola pertence a uma congregação religiosa, e muito menos porque na escola moram pessoas consagradas a Deus. É, como vimos, toda a atmosfera envolvente de uma comunidade educativa que educa a fé, de uma comunidade onde as pessoas estão plenas de amor de Deus e irradiam a alegria de ter encontrado o Cristo (51), sendo **sinal-inteligível** de fraternidade e

epifania do Amor trinitário. Porque “o elemento motor da reforma pastoral é a santidade e não a ciência” (52); é a sabedoria junto com o saber. A escola será um centro comunitário de conversão para todos os educadores porque eles, tanto os religiosos como o leigo, têm papel preponderante na obra evangelizadora escolar.

Os **EDUCADORES** devem situar-se na escola não mais como homens que desvendam os mistérios das ciências, nem como os re-transmissores de ensino. Tampouco como num pedestal superior e que sabem mais que o educando.

Hoje o educador é presença, é amigo que está no meio do grupo educativo como pessoa equilibrada, discreta na ação mas que não se omite, paciente, perseverante; como testemunha de fé mais esclarecida: como aquele que está mais perto do polo “ser-para-os-outros” do que do polo “ser-para-si”.

É pessoa que: ● está continuamente preocupada em atualizar-se, que procura saber um pouco de tudo e tudo de um pouco; que procura adequar a preparação espiritual e a vida com a mensagem evangélica; ● além de professor é mestre na ordem do espírito: “apto a mostrar, pelas suas próprias opções existenciais que é possível dar testemunho de transcendência e que tudo o que é relativo reencontra a plenitude do sentido quando se apóia no absoluto” (53); ● superou a fase dos que dizem, por palavras ou atitudes, que já não adianta mais anunciar a Jesus Cristo porque o cérebro humano já se conecta com o cérebro eletrônico; ● comunica alegria. Alegria

própria daquele que acolhe e encarna o Evangelho na própria vida; daquele que é semente de redenção na instauração do Novo Ser; ● sabe ser crítico e captar a seiva cristã em meio ao desenrolar da história humana; sabe interpretar acontecimentos, gestos e palavras à luz da Palavra de Deus; ● anuncia o Cristo ressuscitado presente entre nós, e a Ele se converte continuamente; ● é testemunha: de fé, não só pela adesão intelectual a verdades reveladas, mas sobretudo pelo compromisso na ação evangelizadora; crê na pessoa do outro seja educador ou educando; de **esperança**, pela confiança na fidelidade do Cristo que pelo seu Espírito age e testifica hoje no Povo de Deus, de **caridade**; pela doação, entrega generosa por causa do Cristo, deixando transparecer o amor gratuito de Deus que nos amou por primeiro.

O processo de evangelização será ilusório se não contar com a participação dos **pais**, que por direito são os primeiros a educarem seus filhos. Aqui podem surgir tensões e conflitos, quando o colégio quer transmitir aos educandos valores cristãos que os pais não reconhecem como tais. “Um colégio católico não pode dar uma educação cristã aos meninos, se os pais, não querem esses valores cristãos para os filhos” (54). Os educadores são colaboradores dos pais na educação e não substitutos. A formação permanente e global atinge também os pais.

Dali a necessidade de **participarem** diretamente nas atividades e na organização da comunidade educativa (55). Assumir, por exemplo, funções burocráticas ou organizati-

vas que possibilitam aos religiosos mais liberdade para anunciar o evangelho, não só no âmbito da escola mas alhures, onde se fizer necessário, dentro da Igreja Particular. Para tanto a integração da escola na pastoral da Igreja Particular é indispensável. “Os colégios católicos têm sentido na medida em que forem verdadeiramente colaboradores do Bispo no anúncio do Reino e na maturação da fé” (56).

As forças educativas devem estar todas integradas no processo educativo global. Por isso um **planejamento**, não como sinônimo de cronograma de atividades mas como processo que desencadeia e unifique todas as forças educativas, e relacione métodos, objetivos, intenções, recursos... é necessário, como meio para dar passos decididos na revelação escolar.

Concluindo

A escola católica tem hoje papel importante a desempenhar na evangelização: começando por renovar-se, por transformar-se acompanhando a evolução do homem, do mundo, sendo presença de Igreja. Será ● um centro de convergência e de encontro onde se cristalizam novos modos de vivenciar o evangelho de acordo com o caminho da história, para transformar a sociedade no Mundo Novo. ● Um lugar onde a pessoa se personaliza e onde realiza uma experiência humana profunda, vivendo intensamente o momento presente. ● Lugar de multiplicadores evangélicos, de mensageiros que levem a Boa Nova sobretudo aos mais necessitados. ● Uma comunidade de cristãos testemunhando no

campo educativo. A importância da escola católica não se coloca em termos de continuidade de um modelo sócio-cultural, mas em termos de um projeto: o evangélico. O essencial

não é dar continuidade à "instituição" mas instituir condições que continuem o **ESSENCIAL**. Se o grão de trigo não morre, não se transforma, não produz vida! (57).

NOTAS

1. Mt 28, 19.
2. Cf A Escola Católica em questionamento, em **Igreja e Educação**, estudos da CNBB, n.º 6, Ed. Paulinas 1974, p. 13.
3. Gaudium et Spes, n.º 3.
4. Gaudium et Spes, n.º 22.
5. Lumen Gentium, n.º 9.
6. Gaudium et Spes, n.º 26-28.
7. Cf Educação Personalizante, Coleção **Onde está a tua fé?**, n.º 2, p. 3.
8. Características dadas pelo Padre Eugênio Charbonneau: **A missão do educador religioso e leigo na escola hoje**, em Boletim da AEC do Brasil, n.º 13, 1974, pp. 26-28.
9. Ad Gentes, n.º 12.
10. Ad Gentes, n.º 21.
11. Gaudium et Spes, n.º 32; Lumen Gentium, n.º 9.
12. Unitatis Redintegratio, n.º 4, 6.
13. Gaudium et Spes, n.º 40-45.
14. Nostra Aetate, n.º 2-4.
15. Gaudium et Spes, n.º 58.
16. COMBLIN, JOSÉ, **Os sinais dos tempos e a evangelização**, col. Teologia Hoje, 2. Duas Cidades, São Paulo 1968, p. 204.
17. Lc 2, 10.
18. Lc 4, 18-21.
19. 1 Tim 2, 4.
20. Cf Família, Sacerdício, Evangelização, Juventud, Doc. CELAM n.º 14, Ed. Paulinas, Bogotá, 1974, p. 110.
21. A Evangelização do mundo de hoje, em SEDOC, 75, outubro 1974, pp. 359-360.
22. Jo 20, 31.
23. Êx 19, 3-8.
24. Jer 31, 33.
25. LÉON, X., DUFOUR e outros, **Vocabulaire de Théologie Biblique**, ed. Du Cerf, Paris, 1966, pp. 815-820.
26. Mc 3,13.
27. Mc 9, 37; Mt 15, 24; Lc 9, 48.
28. A Escola Católica no mundo de Hoje, o. c., p. 12.
29. Gravissimum Educationis, n.º 6.
30. CHARBONNEAU, E., **Os religiosos e a educação**, em Brotéria, vol. 98, 4, abril 1974, p. 351.
31. HONORÉ, J., **Escola Católica e seu futuro**, em Unitas, Suplement Spécial, de Voyages et Missions, n.º 43, dezembro 1974, p. 17.
32. COMBLIN, JOSÉ, **Os sinais dos tempos e a evangelização**, o. c., p. 102.
33. Vários autores, **A evangelização no mundo de hoje**, Ed. Loyola, São Paulo, 1974, pp. 54-55.
34. Conclusões de Medellín sobre a educação: **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**, Ed. Vozes, Petrópolis, 1971, p. 77.
35. Gên 12, 1.
36. Lc 7, 22.
37. Muitos entendem, por exemplo, que ser católico é sinônimo de prática religiosa e fidelidade aos princípios éticos e sociais do grupo em que vive. Para outros significa seguir e praticar atos de culto devocionais ou provindos de um costume. E quando se fala de cristianismo estes colocam e recebem a mensagem através desta rede mental. Por isso é importante começar por entender-se nas palavras e nas atitudes.
38. Conclusões de Medellín: **A Igreja na atual transformação da América Latina**, o. c., p. 104.
39. Perspectivas de pastoral estudantil para adolescentes, em **Igreja e Educação**, o. c., pp. 44-45.
40. **Os meios de comunicação social e a evangelização**, SEDOC, jun 1974, p. 1310. Há quem distinga entre "meios de massa", os que são dirigidos ao grande público, como imprensa coti-

diana, revistas ilustradas, jornais desportivos, rádio, televisão, ...e os "meios não de massas", como revistas e semanários especializados, livros, foruns... Estes meios não de massas, permitiriam melhor aprofundamento e seriam mais adequados para a evangelização. Evangelização entendida como comunicação sistemática e explícita das verdades e valores essenciais da fé cristã com todas as exigências que ela comporta, visando a conversão e a formação de cristãos convictos. Os meios de massas neste caso não seriam meios aptos para uma autêntica evangelização, porque unidirecionais e lidos superficialmente. Cf SEDOC, out. 1974, pp. 348-351. De qualquer forma, se considerados como meios de anúncio, "os meios de comunicação de massa são por excelência meios de evangelização". Cf COMBLIN, JOSÉ, **Os sinais dos tempos e a evangelização**, o. c., p. 222.

41. Cf Meios de comunicação social e valores espirituais, Col. AEC, n.º 8, São Paulo, 1973.

42. Cf **Plan de arranque de la comunidad educativa**, em *Educación Hoy, Perspectivas Latinoamericanas* 5, Editorial Stella 1971, p. 49.

43. *Gravissimum educationis*, n.º 8.

44. Cf JUAN EDUARDO GARCIA HUIDORO, **Génesis de la comunidad educativa**, col. *Educación Hoy, Perspectivas Latinoamericanas* 2, Ed. Paulinas, Indo-American Press Service, Bogotá, 1972. José de Vasconcelos, Cecilio de Lora: **La escuela comunidad educativa**, col. *Educación Hoy, Perspectivas Latinoamericanas* 1, Ed. Paulinas, Indo-American Press Service, 1972.

45. FOSSÁ, EUGÊNIO A., **Perspectivas Conciliares na renovação da Escola Cristã**, col. *Vida Religiosa* 3, CRB do Brasil, Rio de Janeiro, 1971, p. 14.

46. *Gaudium et Spes*, n.º 11.

47. ÁVILA, RAFAEL, **Teología, Evangelización e Liberación**, col. *Iglesia Liberadora* 3, Ed. Paulinas, Indo-American Press Service. VILLEGAS, BELTRAN, **Evangelizar Hoy: Liberar? Conscientizar? Politizar?**, Ed. Paulinas, Santiago do Chile, sem data.

48. Por exemplo: encontros, manhãs ou dias de formação, estudos e análises de textos, de filmes, de jornais, de revistas, de músicas, de programas de rádio e TV, conferências, reflexões, campanhas, concursos, dramatizações, meditações, retiros, entrevistas, pesquisas, cantos, visitas, convivências, intercâmbios com outras instituições, com desassistidos de periferia, cartazes, frases, meios áudio-visuais, etc.

49. Ir. Nery, FSC, **Catequese em escola católica, uma experiência**, Ed. Vozes, Petrópolis 1974, pp. 30-35.

50. Cf SEDOC, jun 1974, p. 1305.

51. 2 Tim 4, 2.

52. Cf Ir. Nery, FSC, o. c., p. 11.

53. COMBLIN, JOSÉ, **Os sinais dos tempos e a evangelização**, p. 23.

54. CHARBONNEAU, E., **Os religiosos e a educação**, in *Brotéria*, vol. 98, n.º 4, abril 1974, p. 353.

55. Idem, ibidem, cf nota 54, p. 225.

56. *Conclusões de Medellín*, 4, 12: **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**, o. c., p. 76.

57. PIRÔNIO, EDUARDO, Mons., **El sentido de los colegios católicos hoy**, em *Consudec*, ano XII, n.º 270, p. 96.

58. Jo 12, 24.

AS BEM-AVENTURANÇAS E AS APORIAS DA VIDA HUMANA

Pe. Luís Palacin, SJ

As bem-aventuranças, segundo a interpretação atual da crítica, são máximas cortantes de caráter profético, com que Cristo anunciava a chegada do Reino: Deus salva, e salva gratuitamente, pobres e humildes. Ao mesmo tempo, as bem-aventuranças apresentam, com a condensação do paradoxo, o choque entre as aspirações ideais e a realidade da vida, argumento do drama ou da tragédia da existência. Delas escreveu Papini que nenhum homem, não atrofiado completamente pela vida, pode lê-las sem experimentar um desejo profundo de chorar. Evocam algo primigênio e cristalino, tão puro e simples que já não está mais ao nosso alcance, tão frágil que se nos quebra entre as mãos. A consciência deste choque entre o que deveríamos ser o que somos, que constitui o apelo profundo das bem-aventuranças, poderia ser incluída na categoria

existencial do que Jaspers chamou de "situações-limite": um confronto que nos leva inevitavelmente às profundezas de nosso ser, às perguntas fundamentais do existir.

I. "Bem-aventurados os pobres de espírito..."

A primeira bem-aventurança nos coloca diante de uma das aporias, contradições sem saída, da vida humana: necessitamos ter para ser, mas a riqueza nos empobrece interiormente. O homem nasce com uma doença incurável, intitulada por Leibniz de mal metafísico: a limitação. Por isso está condenado a procurar fora de si toda a sua vida. A busca dos objetos é uma busca incessante de nós mesmos. "Ter mais para ser mais", escreveu João XXIII na *Mater et Magistra*. No que possuímos e no que realizamos há também uma

busca inconsciente de garantias contra a morte, contra nosso total desaparecimento. O êxito na profissão e nos negócios, o dinheiro acumulado, o poder exercido, o domínio sobre os outros querem ser provas visíveis diante dos outros, e principalmente ante nossa própria consciência, do valor de nossa vida. No possuir buscamos a auto-afirmação.

Entretanto Jesus disse: quem quiser ganhar a própria vida a perderá. E esta máxima não tem unicamente um sentido escatológico. O domínio sobre as coisas e sobre os outros nos

produz esse esvaziamento de nós mesmos, que depois de Hegel e Marx foi chamado de "coisificação" ou "alienação". É um mal de nossa cultura, mas também um mal do indivíduo como tal. Quanto mais buscamos afirmar nosso ser na posse das coisas e das outras pessoas, menos nos encontramos a nós mesmos. Perdemos a liberdade, a paz interior, a capacidade de comunicação com a natureza e com os homens. Nossa alegria se torna cada vez mais epidérmica e mais episódica. Realiza-se assim o paradoxo: **"bem-aventurados os pobres..."**

É difícil que amemos a pobreza porque nós falta tudo interiormente, e levamos no fundo essa incerteza de termos existido inutilmente.

Somos, Senhor, tão faltos de esperança!
Só nos restam algumas ilusões,
nelas buscamos frágil segurança
no vazio essencial dos corações.

Devemos aprender pacientemente
a lição do total despojamento,
da dádiva completa ilimitada,

ser pobres sem temor, humildemente,
esperar sem nenhum merecimento,
e ser ricos sem ter ou querer nada.

II. "Bem-aventurados os mansos..."

Todas as civilizações históricas (como também as culturas pré-históricas) têm exaltado as pretensas qualidades masculinas à categoria de virtudes: a força, a coragem, o domínio. Nossa cultura foi mais longe ainda. Impelida pelo que Spen-

gler chamou de espírito fáustico (ânsia insaciável de superação), colocou a competição desapiadada no centro das relações humanas. Na economia (espírito do capitalismo), na política (imperialismo), mesmo no lazer (esporte), a luta parece ser a lei de nossa sociedade, a vitória dos mais fortes sobre o fraco a mais

genuína forma de alegria. Por isso a palavra de Cristo, "bem-aventurados os mansos", parece tão estranha ao nosso âmbito cultural. Na realidade também o exercício da força e a busca de domínio é outra forma de alienação. Transferimos para fora o descontentamento de nós mesmos, a incapacidade da paz interior. Sen-

timos que há um pecado original em nossa forma de relacionamento quando lemos as palavras com que São Francisco descreve a presença de seus frades: "Quando vadunt per mundum... sint mites, pacifici et modesti, mansueti et humiles, honeste loquentes omnibus, sicut decet".

Neste mundo da angústia e do prazer
da busca de nós mesmos sem descanso,
é milagre, Senhor, chegar a ter
tão livre o coração que seja manso.

No frenesi tão calmo que uma gota
de silêncio goteja no seu fundo,
tão claro no interior que sempre brota
fonte de gozo límpido e profundo.

Eu procuro, Senhor, a mansidão
como terra de novo sempre arada,
como um lento buscar sem amargura,

uma espera da chuva e do verão,
morosa gestação, funda e calada,
duma forma de ser doce e madura.

III. "Bem-aventurados os que choram..."

O fato da dor constitui o maior escândalo da vida humana. O desejo de felicidade é a razão última de nossa existência, o motor de toda nossa atividade. Não podemos renunciar ao direito e à esperança de sermos felizes, e contudo nunca conseguimos sê-lo senão muito imperfeitamente. A felicidade que respiramos é tão pouca, tão esparsa, tão limitada para nossos desejos, conseguida com tantos esforços, e em úl-

tima análise tão inútil, porque será finalmente aniquilada pela morte! Deste conflito permanente e desigual em nossas vidas entre felicidade e morte, nascem, igualmente, as duas posições opostas de ateísmo consciente e de esperança transcendente. Ambas confissão de nossa derrota. A palavra de Cristo nos coloca diante da aceitação fundamental do sentido da vida e de sua íntima tragédia: "Se o grão de trigo ao cair na terra não morre, não produz fruto..."

Todos vamos chorando pela vida
de ira ou dor, de angústia ou de cansaço,
choramos tempo e ocasião perdida,
a esperança, Senhor, de marcapasso.

Nosso choro, Senhor, é sem grandeza,
tantas vezes sem luz, lenta agonia,
o tempo nos deixou sua certeza,
nas marcas sobre nós da maresia.

Se chegarmos a Vós na última hora
opacos pelas muitas decepções,
extinta a fé de dor e de fadigas,

ouve, Senhor, a imensa voz que chora,
a exigência na dor das gerações
do milagre dos grãos e das espigas.

IV. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça..."

O homem não pode viver sem um ideal de justiça, para isso teria que renunciar à racionalidade da existência. E apesar disto, tudo no mundo e na vida tende a demonstrar-lhe continuamente o quimérico deste ideal. Esta é outra das aporias fundamentais da vida humana. Livros inteiros do Antigo Testamento foram escritos numa situação de perplexidade e de angústia ante o pro-

blema do triunfo do mal e da inutilidade da virtude. Da falta de uma justiça última na vida. Como no caso da dor, encontramos aqui frente a um enigma sem resposta manual. É uma porta aberta à transcendência (sem estas grandes interrogações a vida humana seria tão limitada e barata!). O anarquista e o santo procuraram igualmente uma resposta. O fato de que existem ainda aqueles que "têm fome e sede de justiça" é a prova permanente da presença do Espírito em nós.

Cordas, Senhor, por tua mão pulsadas,
nossas vidas deviam ser vibrantes,
mas chegam ante si gastas, curvadas,
da rotina de todos os instantes.

Pois não somos, Senhor, como sonhamos
tão fortes, tão perfeitos, nem tão puros,
malhadôs pelos anos nos tornamos
quem sabe? — menos claros e mais duros.

Acossado, Senhor, por sua urgência,
pela justiça e paz, pela bondade,
pelas sombras que crescem no quadrante,

esperando sem fim contra a evidência,
não cesso de buscar minha verdade,
sempre mais perto e sempre mais distante.

V. "Bem-aventurados os misericordiosos..."

"É melhor dar do que receber". Esta sentença de Cristo, conservada por São Paulo, coloca outro dos paradoxos profundos da existência humana. Receber, e não dar, parece ser um dos instintos básicos do homem. Esta é a lei do instinto de conservação. O egoísmo é, sem dúvida, a atitude mais arraigada dentro de nós, tanto pela natureza como pela educação. É, contudo, o egoísmo é estéril. É frio. É triste. Mas o egoísmo é tão conatural ao homem que alguém o identificou com o pecado original, o pecado que condiciona

todo homem e toda a vida humana. O egoísmo na escala do indivíduo, do grupo e da coletividade tem sido, ao mesmo tempo, a mola propulsora e o pesadelo da história humana. Encontramo-nos assim dilacerados, individual e socialmente, entre as forças centrípetas, que tendem a fazer de nós um absoluto, e a necessidade de transcender nossas limitações por meio da doação.

Mas a categoria "dar" na palavra de Cristo adquire umas exigências extremas de desprendimento: só dá aquele que dá sem esperar nada de volta, o que dá a quem não lhe pode retribuir de forma alguma.

Como pobres, Senhor, somos seguros,
marcados pela sombra da carência,
a mente e coração se tornam duros
na luta cotidiana da existência.

Atrás de nossas grades prisioneiros,
sentindo o próprio ser como uma carga,
vamos sonhando aquele amor primeiro
que nos liberta a solidão amarga.

Para aquele que busca, teu convite
cria novos espaços sem limite:
como o Pai dá ao bom e ao mau, ao crente

e ao ateu, chuva e sol, luz e calor
a todos dar e dar gratuitamente
sem esperar retribuição no amor.

VI. "Bem-aventurados os limpos de coração..."

A limpeza de coração parece ser uma qualidade com muito pouco lugar no mundo tão poluído de hoje. Inconscientemente a associamos com a inocência ou com a simplicidade. Talvez pensamos que pertence irreversivelmente ao passado: ao passa-

do de nossa vida (infância) ou ao passado da humanidade. Entretanto esta palavra de Cristo nos toca pungentemente porque evoca uma carência irreparável. Para a vida do espírito necessitamos do ideal da pureza, como necessitamos dos ideais da beleza, da justiça e do amor. O erro está em pensar que a limpeza de coração é algo primigênio e não o fruto de uma longa ascese.

É preciso, Senhor, um novo olhar
que mostre para nós tua presença,
que nos faça aprender de novo a amar
sem rancor, sem orgulho ou impaciência.

Quero ver-te na noite das estrelas
infinita, no aroma de uma fruta,
na música integral das coisas belas,
no trabalho da abelha diminuta.

Que teu amor me seja transparente
em todo encontro humano de ternura,
no lento madurar de uma alegria,

na paz do coração tão docemente,
na harmonia total de vida pura,
na certeza ao morrer de um novo dia.

VII. "Bem-aventurados os pacíficos..."

O desejo de paz é outro dos paradoxos permanentes da condição humana. Historicamente, não deve ter existido época alguma que não tenha proclamado a paz como o maior bem, mas que ao mesmo tempo não tenha promovido incessantemente a guerra. O mesmo poderia-

mos afirmar dos indivíduos. Todos dizem anelar a paz, e, contudo, quantos podem suportar as condições da paz, a reflexão, o silêncio, o domínio de si mesmos? A esta ambivalência da condição humana com respeito à paz, poderíamos aplicar plenamente as palavras de Sêneca: "chegamos a um ponto tal que não podemos suportar nem nossos vícios nem os remédios deles".

Colagem desvairada de momentos
de gozo e dor, de sonho e finitude,
nossa vida, quebrada em mil fragmentos,
busca na paz união e plenitude.

Todos, Senhor, vão procurando a paz;
a paz que acalme esse clamor sem fundo,
a busca sem descanso do fugaz.
Mas tua paz não pode dá-la o mundo.

É tua ordem na nossa incoerência,
quieta certeza na terra da ansiedade,
toda feita de pura transparência,

de profunda alegria e de verdade,
de aceitação total e transcendência,
é no tempo, Senhor, eternidade.

Colocado assim na intersecção da matéria e do espírito, da cega necessidade das leis físicas e da liberdade criadora, da imanência espaço-temporal e da transcendência, o homem é um ser de fronteira. Como tal, o risco e a tensão marcam sua vida inevitavelmente. Nem o progresso, nem a regressão a um estado primi-

tivo (mitos da utopia e do selvagem feliz) poderão curar-lhe desta doença constitucional. A divisão não lhe advém de fora, nasce do profundo de seu mesmo ser. As bem-aventuranças, como fórmulas existenciais, nos interpelam da parte do ideal inatingível neste procurar-nos sem descanso, nem retorno.

A MULHER, O EVANGELHO, A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

Ir. Angelita Myerscough

Introdução

Toda a Sagrada Escritura é inspirada por Deus. É a sua palavra dirigida aos homens. Todavia na Sagrada Escritura e na história sagrada, o momento central, aquele que dá o sentido a tudo aquilo que aconteceu antes e que preanuncia tudo aquilo que Deus fará até que a história se realize na eternidade infinita, é a vida, a palavra e a ação de Jesus, especialmente a sua morte salvífica, a sua ressurreição e o envio do Espírito Santo. Por esta razão, já tendo sido desenvolvido o tema sobre a mulher no momento presente da história da salvação, vamos dirigir agora nossas reflexões para a mulher na história da salvação, em Jesus. É à luz do evangelho que devemos procurar as respostas adequadas às perguntas justas que o nosso tempo levanta sobre a mulher. É no Senhor, sobretudo em Jesus mesmo, que temos de buscar o caminho para nós mesmas como mulheres, buscar a nossa própria iden-

Irmã Angelita Myerscough é religiosa da Congregação das Adoradoras do Sangue de Cristo, da Província de Ruma, Illinois, EUA. É laureada em Teologia pela Universidade Católica da América. Atualmente é Diretora do Curso de Teologia da Vida Religiosa na Universidade Saint Louis e Diretora-Executiva do Saint Louis Theological Consortium. De 1965 a 1972 foi Superiora Provincial e em 1970-1971 foi Presidente da National Leadership Conference of the Women Religious dos Estados Unidos.

tidade, nas relações entre nós, enquanto dividimos com ele, sua missão no mundo de hoje, na medida em que o problema da mulher entre em nossa perspectiva. O que dizem os evangelhos a respeito?

O ensinamento de Jesus e seu ministério na sua totalidade se endereçam a todos os filhos de Deus, homens e mulheres, porque todos somos pecadores, necessitados de redenção. Nossa compreensão, pois, daquilo que Jesus quer de nós deve se basear em toda a sua mensagem revelada na palavra e pela sua ação. Por exemplo, o Sermão da Montanha dá um enfoque frente à injustiça hoje, frente às enormes necessidades de nossos irmãos e irmãs oprimidos e famintos. O senso de dignidade e de valor vem do amor de que fala Jesus e que se encontra revelado em cada linha do evangelho, amor a qualquer pessoa, mulher ou homem. Em nenhuma passagem do evangelho Jesus pede às mulheres alguma virtude ou comportamento peculiares, distintos das virtudes e dos comportamentos exigidos aos homens. "A obediência, a submissão, a subordinação, o sofrimento paciente não são exigidos apenas das mulheres; nem a coragem, a confiança em si, a sabedoria, a fortaleza são monopólio exclusivo dos homens." A fé que leva a cruz com esperança e, sobretudo, que ama os outros como Jesus nos amou, são exigências claras feitas a todos os seus discípulos, sem exceção, sem distinção de sexo.

É preciso colocar bem claramente esta premissa para que no desenvolvimento do tema, ao sublinhar o relacionamento de Jesus especifica-

mente com as mulheres não se entenda como uma sugestão de que somente debaixo desta dimensão do evangelho se podem entender os desejos de Deus frente à responsabilidade da mulher como mulher hoje. O evangelho todo, integralmente, é dirigido a nós e sempre. Mas o que dizem especificamente os evangelhos sobre a mulher na história da salvação? Gostaria de desenvolver nossas considerações respondendo a quatro perguntas:

1. Em que medida aparecem as mulheres nos evangelhos? Isto é significativo?

2. Como Jesus trata as mulheres, ele que era um judeu fiel ao judaísmo do primeiro século?

3. No contexto dos acontecimentos pascais, que lugar ocupam as mulheres?

4. Jesus chegou à consciência da compreensão e do apreço pelas mulheres que suas palavras e suas obras revelam?

Em que medida as mulheres aparecem nos evangelhos? Isto é significativo?

As mulheres ocupam um amplo lugar nos evangelhos. Nos Sinóticos as mulheres são nomeadas em 46 passagens diferentes. E as passagens paralelas que ocorrem nos evangelhos foram computadas como uma só passagem. No quarto evangelho as mulheres aparecem em nove passagens, algumas das quais bastante longas. Há um notável equilíbrio no

tratamento dos interesses dos homens e das mulheres. Nas palavras e nos seus discursos, Jesus se serviu da experiência das mulheres como da experiência da vida dos homens. Eis alguns exemplos para ilustrar.

Mt 13, 31: O reino dos céus é comparado a um grão de mostarda que um homem toma e semeia em seu campo.

Mt 13, 33: O reino dos céus é comparado ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha para fermentar toda a massa.

Mt 25, 14: O reino dos céus será também semelhante a um homem que, tendo de viajar, reuniu seus servos e confiou-lhes seus bens.

Mt 25, 1: Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que saíram com suas lâmpadas ao encontro do esposo.

Lc 15, 4: Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se havia perdido, até encontrá-la?

Lc 15, 8: Qual é a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma delas, não acende a lâmpada, varre a casa e a busca diligentemente até encontrá-la?

Há muitos outros exemplos paralelos. Confira Mt 12, 41: Os ninivitas se levantarão com esta raça e a condenarão e Mt 12, 42: A rainha do sul se levantará com esta raça e a condenará. Confira Mt 24, 40: Dois homens estarão no campo... e Mt 24, 41: Duas mulheres estarão moendo no mesmo moinho... Con-

fira Lc 4, 27 e Lc 4, 25-26: Os leprosos em Israel no tempo de Naamã e as muitas viúvas de Israel no tempo de Elias; Lc 11, 5-8: o amigo importuno que não cessa de bater à porta quando chega um amigo à sua casa à meia noite. Lc 18, 1-5: a viúva importuna que insiste com o juiz que não temia nem Deus, para que faça justiça.

As mulheres estão presentes aos milagres dos pães e dos peixes e são igualmente saciadas como os homens; Mt 14, 21; 15, 38. Jesus faz milagres para curar tanto a homens como a mulheres. Podemos ver na mulher sírio-fenícia, cuja filha foi curada um tipo de gentios, paralelo ao centurião cujo servo foi também curado: Mt 8, 5-13; Lc 7, 2-10. As mulheres estão em relacionamento espiritual com Jesus como os homens: "Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, é meu irmão, minha irmã, minha mãe", Mt 12, 50; Mc 3, 35; Lc 8, 21. Jesus louva a fé das mulheres na mesma medida em que louva a dos homens. Trata com cortesia e compaixão os homens que são pecadores públicos, como Zaqueu e Levi, e trata com a mesma misericórdia e ternura as mulheres pecadoras, como a prostituta na casa de Simão e a mulher adúltera. Tanto as mulheres como os homens são chamados por Jesus para serem seus discípulos. As mulheres estavam presentes em grande número no Calvário e figuram em quantidade e frequência nas narrações da páscoa.

Qual o sentido de tudo isto? Se os evangelhos fossem escritos no mundo de hoje por uma geração de cristãos embebidos pelos ensinamen-

tos do Concílio Vaticano II, poderíamos esperar esta atenção equilibrada entre mulheres e homens. Mas no mundo do primeiro século — mundo pagão greco-romano onde a mulher era apenas a mãe e a esposa a ser usada e abusada como prazer — numa Igreja profundamente judaica e, por isso, patriarcal nos seus membros e na sua herança religiosa, isto é totalmente surpreendente. Há uma outra explicação para tudo isto, além deste fato de ser Jesus de Nazaré extraordinariamente atento às mulheres, isto é, ser tão atento que chegou a ser revolucionário deixando um impacto tão duradouro sobre os seus discípulos que influenciou na pregação e na sua recordação refletida nos evangelhos?

Como Jesus tratou as mulheres? Como elas lhe corresponderam?

Quando Deus se encarnou em Jesus, aceitou os limites da natureza humana. Nasceu e viveu num tempo determinado e não em outro. Foi um homem e não uma mulher. Era judeu e não grego nem romano, nem italiano nem alemão. Ao encarnar-se, assumiu nossos limites de cultura e de religião. E como um judeu do primeiro século, absorveu desde o primeiro dia da vida, as atitudes, os valores, a sensibilidade próprios do seu ambiente cultural. Como judeu, a religião que aprendeu era de orientação estritamente masculina. O judaísmo era muito mais forte naquele tempo do que o foi entre os israelitas do período patriarcal. As mulheres, na melhor das hipóteses, eram cidadãs de segunda categoria e participavam, como sendo de 2.^a

classe, na religião da aliança. Poderíamos então esperar que o comportamento e o ensinamento de Jesus refletissem este **approach** patriarcal. Assim deveria ser de fato como Deus queria que as coisas acontecessem porque Jesus não veio para destruir a Lei e os Profetas, mas veio para levá-los à perfeição. Examinemos algumas particularidades deste problema.

A

Dentro da sociedade judaica dos tempos de Jesus, o papel da mulher era muito claramente e quase exclusivamente de esposa e de mãe. Este era o seu valor. O matrimônio era estabelecido pelo pai ou pelos irmãos e a eles a mulher era plenamente sujeita até quando a autoridade sobre ela passasse a ser exercida pelo marido. Sua tarefa era obedecer ao marido, agradar-lhe, desempenhar todas as tarefas de casa próprias da mulher e, sobretudo, sua glória era dar à luz filhos varões. Os provérbios rabinos a respeito da mulher fazem-nos compreender as atitudes dos homens: “É um bom sinal o nascimento de filhos masculinos, porém, mau sinal quando os filhos são mulheres. Com o nascimento de um menino todos se enchem de alegria, mas com o nascimento de uma menina todos se entristecem.” “Ana pôs-se a chorar e não queria comer. Estava aflita e humilhada porque era estéril”, 1 Sam 1, 3-8. Para as mulheres judaicas a anatomia era um destino.

Esperava-se que uma esposa fosse infalivelmente fiel ao próprio marido. Se ele encontrasse nela “alguma coisa de vergonhoso”, podia dar-

lhe o libelo de repúdio e mandá-la embora de casa, Deut 24, 1. Se des-se à luz um filho de outro varão quando estava noiva, o noivo podia mandá-la lapidar. Lembrem-se: este foi o dilema de José. Se o marido morria deixando a esposa sem filhos, o irmão do marido devia esposá-la e dar uma descendência ao irmão. Enquanto o homem podia rejeitar esta lei do matrimônio, segundo o levirato, a mulher não o podia, Deut 24, 1-10. Jesus aprovou estas práticas e estas atitudes baseadas numa clara evidência de que a mulher é inferior ao homem, que ela existe para os fins do homem? Absolutamente não. O Deuteronômio 21, 10, por exemplo, afirma: quando o homem descobre entre os prisioneiros uma bela mulher, pode levá-la para sua casa e quando estiver cansada dela, deixe-a livre. Compare esta passagem com Mt 5, 2: "Todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração."

Para os judeus o adultério era pecado contra o marido, proprietário da mulher, e nunca contra a mulher. E no entanto Jesus insiste claramente: "Quem abandona sua mulher e casa com outra, comete adultério contra ela", Mc 10, 11. Como refere o evangelho de Mateus, os discípulos ficaram admirados com esta afirmação e exclamaram: "Se tal é a condição do homem a respeito da mulher, é melhor não se casar", Mt 19, 11. Para explicar a sua atitude diante do matrimônio e do relacionamento entre marido e esposa, Jesus volta ao Gênese, capítulos 1 e 2, citando as passagens que falam das relações entre homem e mulher antes do primeiro pecado. A obra

redentora de Jesus sugere isto. Cristo fará, mais uma vez, todas as coisas novas. Restaurará a relação entre homem e mulher no matrimônio como Deus a quis no começo. "Por causa da dureza de vossos corações, Moisés escreveu esta norma (a lei que permitia o divórcio)", e Jesus acrescentou: "Mas no início da criação não foi assim", Mc 10, 5-9.

Pelos fatos e pelas palavras esta é a substância do que Jesus ensina. Em São João 8, 3 lemos que "os escribas e os fariseus trazem-lhe uma mulher surpreendida em adultério e, colocando-a no meio, dizem-lhe: Moisés na lei mandou-nos apedrejar tais mulheres. Tu que dizes?" Conhecemos o que se seguiu. Observe bem que somente a mulher foi condenada. Onde estava o homem? Era tal o costume de só julgar a mulher a culpada que nem se cogitou de levantar a questão e fazer a pergunta. O convite de Jesus para que atirasse a primeira pedra quem não fosse culpado parece recordar aos seus hipócritas ouvintes que se exigem duas pessoas para se cometer um adultério. Cristo desafiou assim os preconceitos, as afirmações inatas, os ensinamentos da cultura e da religião judaicas que consideravam o pecado do sexo mais grave e só para a mulher. Como se sentiu aquela pobre mulher, livre e viva, enquanto ouvia as pedras, uma após outra, irem caindo por terra, pedras que estavam destinadas à sua lapidação, pedras a serem atiradas contra seu rosto e seu peito e fazerem o sangue jorrar até à morte, morte concebida por homens para mulheres culpadas pelo pecado do sexo?! "Nem eu te condeno. Não peques mais". Era um juízo libertador aque-

le que o Salvador acabava de pronunciar. O que terá visto aquela mulher quando levantou os olhos e encontrou os de Jesus bem de frente?

Este episódio parece uma revelação dramática de que a opressão sexual e a dependência das mulheres aos homens é resultado do pecado e está destinado a desaparecer na nova criação da humanidade redimida. Podemos nos perguntar, entre parênteses, como foram precisos tantos séculos para que esta verdade atuasse plenamente nas sociedades que se dizem cristãs? Como ainda hoje as mulheres ainda são apresentadas nos meios de comunicação e na propaganda como objeto de sexo? Por que também homens cristãos, teólogos cristãos, continuaram a repetir que a mulher é sedutora, tentadora, um ser perigoso que é preciso evitar?

Vamos refletir ainda sobre uma outra passagem do Evangelho: Lc 7, 36 e ss: a mulher que entra na casa de Simão, quando Jesus aí está hospedado. Por que Jesus responde com tanto amor à prostituta pública que lhe banhou os pés com lágrimas e os enxugou com os cabelos? Os homens que ali estavam, empertigados em sua retidão, sabiam que Jesus não podia ser um profeta de raça. Se o fosse, não teria jamais tolerado que esta mulher se aproximasse e muito menos que o tocasse. O que experimentou aquela mulher em seu coração quando percebeu que aquele homem a respeitava por aquilo que ela era e a declarava perdoada por que muito amara? Quem tinha o pecado mais grave? Por que esta cena do evangelho, recordada pela segunda gera-

ção de cristãos, tem sua mensagem, com tanta frequência, ignorada na prática pelos cristãos e pelas atitudes dos eclesiásticos, atitudes relativas à mulher ao longo dos séculos? Para Jesus a mulher era alguma coisa mais do que mãe e mulher, mais do que uma tentadora sexualmente frágil e fácil.

B

Como filho de Israel, Jesus aprendeu certamente da sua sociedade e dos seus mestres da sinagoga as leis da impureza ritual. Deve ter aprendido que segundo o Levítico quando uma mulher "tiver fluxo de sangue, isto é, fluxo de sangue nas suas partes permanecerá na sua impureza legal durante sete dias. Todo o que a tocar, ficará impuro até a tarde", Lev 15, 19. Não se exige muita fantasia para se entender que este tipo de prescrição legal influenciou a vida de qualquer família judaica, e assim também a vida de Nazaré. Jesus deve ter aprendido que não deveria abraçar sua mãe, nem no dia, nem no seguinte, nem por toda aquela semana. Devia manter distância porque sua mãe estava no tempo da impureza legal. A gente se pergunta: Jesus teria alguma vez decifrado a tristeza nos olhos de Maria enquanto se mantinha à distância dele e de José?

Todos os evangelhos Sinóticos trazem a história da mulher que perdia sangue já fazia mais de doze anos. "Nisto, uma mulher que, havia doze anos, padecia de fluxo de sangue, chegou-se silenciosamente por detrás dele e tocou-lhe na fímbria do manto, porque dizia consigo mes-

ma: Se eu lhe tocar, ainda que seja apenas no manto, ficarei curada", Mt 9, 20. Ela ousou acreditar enquanto olhava para aquele homem. Pelo modo como ele tratava as pessoas e especialmente as mulheres, Jesus inspirou nela esta confiança, embora corresse o risco de torná-lo impuro tocando-o. Hesitou em pedir-lhe ou hesitou em fazê-lo abertamente. Por doze anos difíceis estive excluída de todo ritual do culto e odiou a si mesma pela humilhação e pelo contágio que sua fraqueza feminina lhe impusera. Que longa e oprimente doença! Mal um poder saiu de Jesus e a curou, ele chama a atenção imediatamente para o fato. A hemorroíssa o havia tocado. "Coragem, filha, tua fé te salvou." Jesus quis com sua atitude rejeitar a noção de impureza ritual de uma mulher que perdia sangue, seja porque se tratava de seu ciclo normal, seja por uma doença. Jesus, um redentor misericordioso, que viera para fazer todas as coisas novas, não desdenha nem considera impura pela perda do sangue a mulher, que faz parte de sua criação.

É impressionante e desconcertante ao mesmo tempo que esta atitude do Senhor Jesus tenha sido ignorada pelos homens legisladores da Igreja no tempo da patrística, na Idade Média, tanto que foram feitos cânones proibindo que a mulher se aproximasse do altar ou recebesse o sacramento da comunhão com as mãos descobertas quando estava impura (sic!) pelo seu ciclo menstrual! O Papa Gregório I precisou assegurar a Agostinho de Cantuária, duvidoso pelo fato de que havia sido permitido a uma mulher entrar na Igreja e receber a comunhão no perío-

do da menstruação, embora ele acrescentasse que era de admirar a reverência desta mulher nestas circunstâncias. Constatando que é falso este tabu a respeito das mulheres, excluídas pelas leis judaicas da adoração e mantidas à distância do altar do sacrifício, e recordando como Jesus repudiou claramente aquela atitude e libertou as mulheres de tais prescrições legais, pode-se perguntar justamente se todos na Igreja, ainda hoje, já ouviram e já entenderam bem a mensagem de Jesus. Será esta a razão pela qual se afirma que a mulher deve manter uma justa distância do altar? É justo mesmo? "Não desafiando, mas ignorando as prescrições, Jesus, de fato, com a sua ação silenciosa repudia o pensamento e a legislação de séculos que definiram a mulher na sua específica feminilidade como impura e inapta para a associação direta com o divino e, algumas vezes, até mesmo com o humano".

C

Jesus deve ter aprendido também dos rabinos que as mulheres são incapazes de aprender a lei. Não havia meninas na escola da sinagoga em Nazaré no tempo de Jesus. Por quê? As mulheres eram ignorantes e estúpidas por natureza. Não eram dignas de confiança e naturalmente inclinadas à mentira. Eva, a primeira mulher, não enganara seu marido causando tanto mal a todos? O rabino Eleazar se expressou assim no primeiro século: "É melhor queimar as palavras da Lei que confiá-las à mulher. Quem ensinar à sua filha a lei é como se lhe ensinasse a impureza". Nem para simples número, as

mulheres valiam. Os rabinos esperam sempre por dez homens para haver uma assembleia de sinagoga legalmente constituída. Outra prática rabínica que fora certamente ensinada a Jesus: não era coisa honrosa que o homem falasse com a mulher em público nem que a mulher lhe falasse. Seria sinal de desgraça. Nem mesmo José poderia conversar com Maria se a encontrasse pelas ruas.

Tudo isto precisamos ter em mente porque constitui o **background** cultural dos evangelhos quando lemos a história, a bela história do encontro de Jesus com a samaritana. Só assim podemos compreender a admiração da mulher e o estupor dos apóstolos quando estes encontraram Jesus conversando publicamente com a mulher, em pleno calor e à luz do dia. No mínimo foi um grave escândalo. O conteúdo da conversa é mais extraordinário ainda. Jesus trata aquela samaritana, provavelmente uma prostituta, com o respeito que a sua pessoa merece. Fala com ela como quem fala com uma pessoa inteligente. Toca em sua genuína sensibilidade religiosa, alguém que pode captar a verdade religiosa. É a ela que revela a profunda verdade espiritual de que Deus é espírito e que, portanto, aqueles que o adoram, devem fazê-lo em espírito e verdade. A ela e somente a ela declara abertamente que ele é o Messias.

Jesus não impede que ela anuncie aos seus conterrâneos a boa nova que o Messias já veio e que revelou-lhe todo o seu passado. Disse-lhe tão gentilmente que ela se sentiu perdoada e com suficiente coragem

para recomeçar tudo de novo. É claro que aqui Jesus está muito longe da tradição judaica pela qual a mulher é estúpida e enganadora, incapaz de aprender, muito menos de ensinar a Lei ou de anunciar a verdade de Deus. A incidência desta verdade sobre o valor da mulher nesta passagem do evangelho é ainda mais forte, se recordamos que uma corrente da lei rabínica de então declarava: "as filhas das samaritanas são impuras desde o berço". Esta impureza no pensamento judaico estava escondido na ânfora que traziam. Jesus, portanto, ofendia gravemente à pureza da lei bebendo daquele recipiente. A saliva de uma menstruada era extraordinariamente contaminada. Nada para se admirar, pois, se a samaritana perguntar: Você que é judeu pede de beber a mim que sou samaritana?

Há ainda mais. Jesus não hesitou em estender à mulher um profundo afeto de amizade, de adulto para com adulto. As irmãs de Betânia e seu irmão Lázaro, foram os amigos mais íntimos de Jesus. "Jesus amava Marta, sua irmã e Lázaro", Jo 11, 5. Jesus desafiava os costumes e o comportamento judaico com esta profunda amizade com Marta e Maria porque ia à sua casa muito livremente, falava abertamente com Marta e perguntava por Maria quando se aproximou da cidade na ocasião da morte de Lázaro. Na perícopes de Marta que serve e de Maria que lhe está aos pés, o que com maior frequência pode nos escapar é que Jesus ensinava realmente sustentando tão decididamente sua amizade pela escolha de Maria. Ele proclama o direito que a mulher tem de ouvir a palavra de

Deus. Ele afirmava que a mulher tem inteligência para entender e como membro do Povo de Deus devia ter o privilégio de ouvir a palavra, privilégio tão grande e importante seja para os homens seja para as mulheres, que defendeu tal direito, mesmo quando isto podia anuviar seu profundo afeto e amizade para com Marta. É interessante notar bem a afirmação do evangelho de São Lucas: "Maria se assentou aos pés do Mestre e ouvia o que ele dizia". É uma expressão técnica, precisamente aquela que se usava para descrever a relação de discípulo e de mestre. Assentou-se aos pés. Só o discípulo se assentava aos pés de seu mestre.

Jesus repete a mesma coisa numa outra ocasião: Lc 11, 27-28. Uma mulher levantou a voz no meio da multidão para cumprimentá-lo e para louvar a sua mãe. Mas a imagem que fazia da mulher, própria daquela época, e também com muita frequência de nosso tempo, era uma imagem estereotipada da mãe e da nutriz: "Felicidade o ventre que te trouxe e o seio que te alimentou". Embora a mulher falasse assim e Jesus concordasse com o louvor à sua mãe, ele achou melhor retificar a imagem da mulher mesmo com o risco de recusar o louvor à sua mãe para insistir na personalidade da mulher, para insistir no primado de suas qualidades intelectuais e espirituais sobre o seu potencial de maternidade física. Para Lucas e para as comunidades cristãs era claro o significado desta afirmação. Do contrário, por que se preocupar de conservar este pequeno acontecimento da vida pública de Jesus?

Jesus era tão revolucionário nos seus pontos de vista de que as mulheres eram capazes de entender a palavra de Deus e de estar ao nível responsável e intelectual com os homens a quem desafiou nas suas tradições, que chegou a aceitar mulheres entre os seus discípulos. Já em pleno ministério da Galiléia "andava pelas cidades e pelas vilas pregando e anunciando a boa nova do reino de Deus e andavam com ele os doze e também algumas mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades." Como se expressou um escritor contemporâneo: "Jesus se associou a estas mulheres como se associou aos homens que eram seus discípulos. Mostrou-lhes sua intimidade e sua estima, como as mostrou também aos homens."

Como Jesus tratou as mulheres? Evidentemente durante o seu ministério público repudiou com as palavras e com os fatos a figura estereotipada da mulher que a cultura e a religião judaica haviam criado, juntamente com os modos pelos quais os homens se relacionavam com as mulheres, modos que provinham de uma forma estereotipada, degradante e opressiva. O que fez neste sentido e a segurança com que o fez, sugere que seja parte da continuação da história da salvação para a qual ele conclama continuamente a rever as formas estereotipadas que as sociedades e as culturas impõem aos homens e, particularmente em nosso caso, impõem às mulheres. "Tem-se a sensação, escreveu alguém, ao analisar as respostas das mulheres a Jesus no evangelho, que ele fosse o primeiro homem na experiência delas que ver-

dadeiramente escutou-as como pessoas, o primeiro que deixou qualquer coisa que estivesse fazendo para atendê-las, para discutir com elas seriamente os problemas mais profundos da vida, para que tivessem uma visão mais clara da realidade que elas são.”

Nossa reflexão não é nova. Há quatro séculos, a grande Teresa assim pregava com frequência. Transcrevo uma passagem do **X Castelo Interior**: “Quando tu estavas no mundo, Senhor, não desprezaste as mulheres, mas as ajudaste sempre e mostraste grande compaixão para com elas. Tu encontraste mais fé e não menos amor nelas que nos homens. Nada mais podemos fazer em público que te servir, nem podemos falar de algumas verdades sobre as quais choramos em segredo. É justo o nosso sofrer. Todavia não posso crer que venha de tua bondade e de tua justiça. Tu és um justo juiz, não como os juízes deste mundo que, seguindo todos os homens e filhos de Adão, assumem qualquer virtude da mulher com suspeita. Sim, meu rei, dias virão em que tudo será revelado. Não falo por mim, pois todo mundo sabe de minha maldade e sou feliz se esta maldade é conhecida, mas quando vejo os tempos em que vivemos, sinto que não é justo rejeitar espíritos que são virtuosos e heróicos, só por se tratar de espíritos femininos”.

Estas considerações nos levam à conclusão a que chegou uma mulher que escreveu no suplemento especial da revista inglesa **The Way**, dos padres jesuítas: “Creio que, com as palavras e com as ações, Cristo inaugurou uma nova situação para

a mulher, uma vez que este sopro evangélico para chegar a viver plenamente esta realidade na Igreja, exige uma conversão da parte da própria Igreja. Mesmo para aqueles homens que buscam ser abertos à ação do Espírito, será difícil romper com esta tradição da incapacidade da mulher em exercer um papel na Igreja. Será o tipo médio de nossa Igreja quem está mais capacitado a compreender que os princípios que estão por detrás destes precedentes são mais pagãos que cristãos? Serão eles bastante generosos para partilhar com a mulher aquilo de que até hoje consideraram como donos absolutos, mesmo se não são dons divinos? Os sinais dos tempos proclamam o advento da nova mulher em todos os aspectos da vida da sociedade. Mereça a Igreja que o Espírito a inspire para que ouça as palavras da história para que a mulher encontre um justo e adequado lugar na sua vida.”

No contexto dos acontecimentos pascais que lugar ocupam as mulheres?

Acabamos de refletir sobre a revelação de Jesus por meio das palavras e das ações a respeito da mulher durante os anos de sua pregação e de seus milagres. E durante os acontecimentos finais? É o terceiro aspecto sobre aquilo que Deus quer revelar da mulher por meio de Jesus. Nestes acontecimentos pascais, centrais para toda a história da salvação, Jesus, o Messias, segundo as expectativas de Israel, pode contar apenas com seguidores e sustentáculos masculinos, rodeando-se somente desta gente de que os rabi-

nos ou qualquer profeta judeu que se respeitasse lançavam mão? Todos sabemos que neste final de sua vida, está o mais doloroso e o mais glorioso também. Jesus foi coerente consigo mesmo. Foi obediente até o fim e pronto para obedecer ao Pai, na abertura, na aceitação dos homens e das mulheres em sua companhia. Antes de tudo, foram as duas amigas que Jesus tanto amava, Marta e Maria, com pedido urgente a respeito da morte de Lázaro, que levaram Jesus a decidir sua viagem a Jerusalém nesta ocasião especial, quando tudo indicava que o ódio de seus inimigos era mais intenso e que eles já haviam determinado matá-lo. Jesus optou pelo risco da morte antes que decepcionar as duas mulheres numa angústia tão sem esperança. A ressurreição de Lázaro precipitou mais do que qualquer outro acontecimento o complô final contra sua vida, Jo 12, 9-11.

Marta e Maria compreenderam o significado destes fatos. Na semana de sua morte, Jesus estava visitando Betânia. "Coisa estranha, Marta serve a uma mesa de homens: seu irmão, Judas, Jesus e os discípulos. Nesta circunstâncias ela assume o papel e presta um serviço que somente um homem poderia fazê-lo, fosse o dono ou um servo livre ou um escravo." Marta faz também o que só um homem poderia fazê-lo: unge os pés de Jesus com nardo precioso e os enxuga com seus cabelos. Os apóstolos se sentiram ofendidos e reprovaram, especialmente Judas. Jesus defendeu Maria e a louvou pela previsão de sua próxima morte e pela sensibilidade a respeito do que era específico para aquela circunstância.

Durante as horas da paixão e da agonia de Jesus, quem o sustentou, os homens ou as mulheres? Somente João estava bem perto da corte. A única palavra, porém, dita a Pilatos em defesa de Jesus não foi a de uma mulher, uma pagã, que o declarou inocente? Enquanto Jesus se arrastava subindo a colina do Calvário, levando a cruz, deu-se uma cena triste mas serenamente impressionante: uma grande quantidade de mulheres o seguiram pela via dolorosa, lamentando e chorando, Lc 23, 27-32. Uma delas, conforme a tradição, ousou gentilmente estender o seu véu para oferecer-lhe um conforto momentâneo. Em vista do costume judaico da época, especialmente em Jerusalém que era mais rigorosa que a Galiléia, era um risco para as mulheres aparecerem assim em público, mostrando corajosamente simpatia por um criminoso. Jesus avalia e aceita suas lágrimas de compaixão e de conforto. Ele responde com uma palavra pastoral de amor, expressando a sua compaixão pelos sofrimentos, a estas filhas de Jerusalém que o amam tanto e a quem ele ama ainda mais.

Quando foi crucificado, não obstante o risco, algumas destas mulheres fiéis, estavam sobre o Calvário, embora algumas delas à distância. Outras, cujos nomes o evangelho registra, estavam mais próximas à cruz de Jesus, com sua mãe. Estar tão perto, identificar-se pessoalmente com um criminoso condenado à morte pela justiça romana, significava arriscar a reputação, a prisão pessoal, a punição corporal. Não foi por esta razão que os apóstolos fugiram de medo? Durante as horas de agonia em que Jesus esteve sus-

penso na cruz, ele quebrou mais uma vez a tradição rabínica que exigia que primeiro se dirigisse ao homem se havia um homem e uma mulher. Jesus falou primeiro a Maria e a ela confiou o apóstolo que havia arriscado estar ali presente. "Mulher, eis aí o teu filho". A hora de Jesus chegara afinal, era também a hora da mulher verdadeiramente libertada.

É claro e sempre o será que as mulheres sustentaram a Jesus até o fim e o seguiram até o túmulo. Deveríamos perguntar o porquê. O que significa para nós, durante esta Assembleia Geral, durante este Ano Santo, durante este Ano Internacional da Mulher? Por que elas estavam ali? Quem eram aquelas mulheres com Maria, mãe de Jesus? Não foi talvez em razão daquele amor libertador que Jesus sempre demonstrou, em todas as ocasiões, que elas foram libertadas do medo e da ansiedade? Compreenderam as mulheres que a oposição sempre crescente por parte dos chefes judeus iria terminar na morte? Compreenderam que a sua insistência revolucionária em tratar as mulheres com igual respeito e dignidade com que se tratava os homens não era um fator insignificante? Parece-me que os evangelhos o expressam claramente. Lembremos da ira de Simão, o fariseu, contra Jesus que permitia à mulher de o tocar. O ressentimento daqueles que não conseguiram lapidar a adúltera. A raiva dos chefes da sinagoga quando ele curou num sábado a uma filha de Abraão. A sua imperdoável ignorância das tradições rabínicas quando falava com as mulheres em público e ousava ter mulheres como discípulas e às quais pretendia explicar a palavra de Deus.

Jesus conhecia este ódio e esta raiva. Todavia nunca titubeou no caminho que se propôs porque sempre fazia o que agradava ao Pai, mesmo se pudesse levá-lo às trevas da agonia e da morte. Jesus, nosso salvador, de fato, morreu e ressuscitou para libertar toda a humanidade do pecado, para reconciliar-nos com Deus e entre nós. Neste contexto, temos de reconhecer na fé que Jesus morreu para libertar a mulher da pecaminosidade e da opressão universal que começara quando o pecado entrou na esperança humana e alterou a justa relação entre os filhos e as filhas de Deus. Não foi talvez para permitir a participação na alegria libertadora da nova vida que Jesus as atraiu ao sepulcro, com a forte e misteriosa atração da graça, no primeiro dia da semana? Poderia Jesus revelar mais inequivocamente o que fizera para redimir o homem e a mulher da subordinação opressiva de um ao outro que o pecado havia causado, mostrando a si mesmo na história, ressuscitado, antes de tudo e de todos, às suas fiéis discípulas? Deu-lhes a missão de serem portadoras da boa nova da ressurreição não a outras mulheres, mas àqueles tímidos apóstolos que fugiram de medo quando foi preso no Jardim das Oliveiras.

O que isto significa para nós? O que nos diz com relação à nossa vocação ao ministério? Tem algum significado especial para nós em termos de promoção fraterna entre nós e com as demais mulheres? O que nos diz frente às preocupações da vida? Cresce a nossa responsabilidade em ajudar para que o movimento das mulheres passe de ser contra a vida para ser a favor da vida? A realidade

da aproximação das mulheres de Jesus nos acontecimentos pascais de sua morte, ressurreição e envio do Espírito nos fala do caráter feminino do ministério pastoral? As mulheres não deveriam ser hoje portadoras da boa nova da ressurreição, mesmo se por muitos séculos depois da primeira páscoa elas tiveram a proibição do ministério da evangelização? Há na Igreja hoje lugar para as filhas de Deus, cheias do Espírito, para dizer sua palavra profética, para ser guia do culto? A que distância ou-sam ficar do altar quando sobre ele se renova o sacrifício do Calvário, no mistério do pão e do vinho?

Jesus chegou à consciência da compreensão e do apreço pelas mulheres que suas palavras e ações revelam?

Seremos breves aqui nesta questão. Como chegou Jesus a este apreço novo num ambiente cultural em que cada influência o impressionou pelo enfoque e pela atitude oposta? Sugiro duas fontes de conscientização. Uma, óbvia, seu ser homem e Deus verdadeiro, homem cujo relacionamento com o Pai produzia um efeito extremamente forte no modelar sua visão e suas atitudes. Em vista desta intimidade com Deus, ele pôde ver a mulher como o Senhor Deus a viu ao criar homem e mulher à sua imagem, co-participantes em identidade de grau na comunhão da humanidade. Segunda fonte, em nível totalmente humano, não foi apenas a influência daquela única mulher, sua

mãe, que realmente formou a mente e o coração de Jesus. Creio que foi também seu relacionamento com ela. A influência de Maria foi contínua sobre Jesus, desde o momento de sua concepção até quando provou respeitar, amar e reverenciar todas as mulheres pelo valor e pela dignidade humana, mesmo se todos os demais homens desprezavam e subestimavam aquelas que os rodeavam.

Maria de Nazaré, a mulher de todos os tempos, Maria, nossa irmã, Maria corredentora, Maria, a primeira de todos os seus discípulos, é aquela cuja influência sobre Jesus, está na origem de sua revolução para libertar as mulheres, de tal maneira que todas e cada uma sejam capazes de compreender o pleno potencial daquilo a que destinou cada uma individualmente ao chamá-las pelo nome. Maria, a mulher de todos os tempos, nos mostra na Igreja de hoje, como ela mostrava a Jesus, há vinte séculos, o valor de cada mulher e de cada homem, como pessoas, participantes ativas no reino de seu Filho. Creio que a Virgem Maria se alegra neste Ano Internacional da Mulher, se alegra vendo-nos nesta Assembléia Geral preocupada com a questão da mulher. Ela reconhece que somente quando suas filhas e seus filhos estiverem plenamente reconciliados, chegarão a compreender plenamente aquela "bela ordem das coisas que o grande Filho de Deus veio estabelecer com o seu sangue." Ela deseja esta compreensão e nós a desejamos também a todas as mulheres.

LIVROS NOVOS

TEOLOGIA PARA O CRISTÃO DE HOJE, Instituto Diocesano de Ensino Superior de Würzburg. Tradução do original alemão **Theologie im Fernkurs** pelo Pe. Silvino Arnhold, SJ. Edições Loyola. Ano 1975, páginas 288.

É o primeiro volume de uma série de dez. Seu título: **O cristão no mundo atual**. Os bispos alemães dando-se conta da necessidade e do desejo que muitos fiéis sentem hoje de uma formação teológica mais profunda e sólida, em meio aos desafios que o mundo moderno lança à fé e à vida cristã, solicitaram ao Instituto Diocesano de Ensino Superior de Würzburg, a elaboração desta obra. É sem dúvida um empreendimento que não tem similar na Igreja hoje. A tradução da presente obra por Edições Loyola não é uma simples tradução, como o leitor comprovará. Os tradutores, professores da Faculdade Teológica do Colégio Cristo Rei não envidaram esforços para dar-nos, juntamente com excelente versão, oportunas adaptações ao ambiente cultural brasileiro, assim como bibliografia complementar acessível.

Baseando-se na lição introdutória do curso, daremos uma breve síntese do mesmo. O curso prevê duas etapas. **Primeira:** Reflete sobre os temas fundamentais da Teologia, fornecendo uma visão global da fé, na sua unidade fundamental e na sua relevância para os homens de hoje. Este curso básico está dividido em cinco ciclos ou volumes. **Segunda:** Pretende preparar os adultos para a reflexão teológica pessoal. Os temas são também divididos em cinco ciclos ou volumes.

O objetivo principal deste curso é esclarecer os adultos à luz da fé sobre os problemas fundamentais do homem e prepará-los mediante a vivência cristã, para testemunhar esta mesma fé. Destina-se esta obra a sacerdotes, religiosos, seminaristas, leigos e agentes pastorais, que desejando aprofundar mais os seus conhecimentos teológicos, querem contribuir para a formação religiosa de seus irmãos. A obra tem excelente didática, nível intelectual, acessível aos que tiverem uma sólida base de curso secundário e finalmente equilíbrio doutrinal. A publicação dos dez

volumes será feita num prazo aproximado de dois anos.

MICRO EVANGELHO ILUSTRADO, Waldemar Schweitzer. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 64. Primeiro volume.

A experiência de fazer ver e não tanto ouvir parece ser ótima. Vêem-se realmente mais de setenta figuras ilustrativas em vinte e sete páginas. O assunto é sintetizado ao máximo. Transmite-se menos com maior profundidade. Em pequenas doses. O nome o diz: é um micro evangelho. As passagens são decisivas, seja do Antigo como do Novo Testamento. Uma das notas importantes é a presença quase total do evangelho que dá sentido ao que se diz e ao que se faz no dia-a-dia. E é isso que interessa. Outra nota importante é a criatividade. O aluno faz o seu livro, conforme o modelo. Vai compondo e ilustrando com a ajuda do orientador. O orientador por excelência são os pais.

COMUNICAÇÃO E ORGANIZAÇÕES, NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO. A função informativa dos técnicos. Tereza Lúcia Halliday. Editora Vozes. Ano 1975. Página 76.

Com esta análise da função informativa dos técnicos no processo de desenvolvimento, a autora abre um novo caminho aos estudos de Comunicação no Brasil, o da comunicação organizacional. Sua idéia central é a de que desenvolvimento implica em processo de comunicação entre organizações e o ambiente que lhes compete controlar. Os técnicos são agentes de desenvolvimento na medida em que produzem

informação especializada para estas organizações. Com rigorosa preocupação didática, Tereza Halliday analisa o papel do comunicador desempenhado pelo técnico e variáveis organizacionais que influenciam sua atividade de comunicação. É das mais originais a sua conceituação de **Agência de Desenvolvimento, Agentes de Transformação, Assessoramento, Informação Especializada.** Elaborado durante os estudos de pós-graduação na Universidade de Wisconsin, EUA, este trabalho é leitura indispensável aos técnicos que nele encontrarão uma nova perspectiva de suas respectivas profissões; aos estudantes e professores universitários que saberão apreçar-lhe o escrupulo científico e a originalidade da abordagem; aos estudiosos da realidade brasileira onde ressaltam os fenômenos do desenvolvimento e da comunicação.

O BÓIA FRIA, ACUMULAÇÃO E MISÉRIA, Maria Conceição d'Incao e Mello. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 156.

Numa região economicamente próspera, como é a Alta Sorocabana, no Estado de São Paulo, coexiste uma população vivendo em condições de miserabilidade. Por outro lado, constatou-se que a Alta Sorocabana representa um universo estratégico para a análise das condições em que vem ocorrendo a urbanização na América Latina e nos países subdesenvolvidos em geral. Daí ter sido esta região escolhida, entre outras, para este estudo sociológico. Entre os diversos tipos de populações marginalizadas, a gíria local denomina **bóia-fria**, os diaristas do meio rural. A primeira parte da obra

revela as condições estruturais que dão origem a esta população e por outro lado permitem a sua participação no processo global de produção. A segunda e terceira partes dão maior precisão a esta forma de participação, entre outras pela maneira como o **bóia-fria** é uma autêntica manifestação histórica da contradição básica do sistema: afirma-o, permitindo que a reprodução do capital se faça em nível ampliado; nega-o, na medida em que acentua a contradição entre os detentores dos meios de produção e aqueles que são obrigados a vender barato sua força de trabalho para sobreviver. Este transcende os limites de um tema regional, uma vez que as análises mais recentes da Economia Brasileira permitem que se generalize o processo, em âmbito nacional. Daí o seu interesse para os estudiosos de Problemas Brasileiros em geral, para sociólogos e economistas, sem contar, evidentemente, aqueles que mais de perto lidam com os problemas da própria região visada.

ANTROPOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO, Hans Walter Wolff. Tradução do original alemão **Anthropologie des Alten Testaments** de Antônio Steffen, SJ. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 336.

É a obra principal de H. W. Wolff. "No meio do consumo massivo de instrumentos e remédios, de utopias e psicanálises, irrompe inesperadamente uma fome elementar de uma antropologia perdida. O que é o homem? O que é que ele conhece de sua natureza, do seu tempo, do seu lugar no mundo? Não terá acontecido que, no ponto culminante do seu saber, o seu próprio ser se lhe tenha tornado a coisa mais estranha?" Com a sua nova obra,

Wolff nos apresenta a primeira olhada global e a primeira interpretação complexiva das afirmações antropológicas do Antigo Testamento. O seu "interesse se encontra delimitado pela questão de saber como é guiado o homem, no Antigo Testamento, ao conhecimento de si mesmo". H. W. Wolff consegue "apresentar os textos mais característicos, sem omitir nenhuma das suas afirmações essenciais. Deste modo surgiu um manual desbravador do caminho que conduz aos documentos bíblicos, para qualquer um que se interessar pelo problema antropológico, mesmo sem conhecimentos especializados."

Nos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial, igual na atualidade, ardia no coração da geração jovem a pergunta: "O que é o homem?" Karl Barth lamentava-se então de que os trabalhos exegéticos disponíveis eram muito pequenos para a formação de uma antropologia bíblica. Alguns estudos exegéticos, aparentemente modestos, de von Gallig, Zimmerli e Eichrodt abriram a série de monografias antropológicas de maior vulto. Com a sua obra, Wolff não pretende criar uma "Antropologia bíblica sistemática", nem "deduzir das fontes o conjunto das possibilidades da problemática atual". Ele mostra antes que "as contribuições essenciais têm um caráter dialógico e que, apesar de todas as variações lingüísticas, do ponto de vista histórico-espiritual, a convergência dos testemunhos sobre o homem é surpreendente".

Wolff divide a sua obra em três partes. Na primeira — **O ser do homem** — oferece uma lingüística antropológica. Como fundamento desta parte há uma preocupação constante com as afirmações sobre a criação do homem. A se-

gunda parte — **O tempo do homem** — nos dá uma antropologia biográfica. Para isso, Wolff vai à procura de uma resposta sobretudo nos livros sapienciais e nas elegias e cantos de ação de graça do Saltério. A terceira parte — **O mundo do homem** — apóia-se sobretudo em textos jurídicos e ditos proféticos. Trata-se aqui do homem e da mulher, dos pais e dos filhos, dos irmãos, amigos, inimigos, dos senhores e dos criados, dos sábios e dos néscios, do indivíduo e da comunidade, do condicionamento do homem. É um livro que pode ter grande utilidade no ensino da religião.

IGREJA-FICÇÃO, Pe. Casemiro Irala, SJ. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 96.

Neste livro com flashes criativos, com reflexões inteligentes, o autor propõe uma aproximação entre a vida do dia-a-dia, o linguajar cotidiano e a revelação. São pensamentos, meditações de quem ama a Igreja para quem ama a Igreja. São reflexões de quem trabalha sempre mergulhado nos problemas da juventude. **Igreja-Ficção** não quer ser uma Utopia, mas simplesmente meditações, pensamentos, ou um estímulo à reflexão.

MÉTODOS DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS, Maria S. Ramírez. Tradução do espanhol **Métodos de Educación de Adultos**, de Valeriano de Oliveira. Edições Loyola, Ano 1975. Páginas 280.

O progresso econômico e tecnológico na escala mundial, a preocupação dos organismos internacionais, como a UNESCO, e o interesse dos povos por realizar dentro de suas próprias fronteiras o desenvolvimento integral, em

cujas bases está o desenvolvimento cultural, fizeram com que a educação popular se tornasse um fenômeno atual e universal. Surgiram, pois, por toda parte, experiências, mais ou menos bem sucedidas, visando a promoção da massa popular. Este livro pretende descrever os principais métodos de educação de adultos, em número de treze. O Método de **Educação Libertadora** de Paulo Freire, por ser o que maior interesse despertou no mundo todo, será objeto de um livro à parte, nas Edições Loyola.

CADERNOS ABESC, Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas. Ano 1, Números 1 e 2.

VOLUME UM: 1. Situação da Universidade na cultura contemporânea, Henrique Cláudio de Lima Vaz. 2. A universidade brasileira nos anos recentes, João Machado Borges Neto. 3. Tendências atuais das universidades católicas, Alberto Antoniazzi. 4. Principais estatísticas do ensino superior católico no Brasil.

VOLUME DOIS: 1. Atitudes dos jovens universitários face à religião e à Igreja, Oscar Beozzo. 2. Pesquisa sobre o ensino religioso e a ação pastoral nas universidades e escolas superiores católicas, Nair Costa Muls, Geraldo Tolentino, Antonio Machado. 3. Fundamento do ensino religioso em nível superior, Wolfgang Gruen. 4. Evangelização do mundo universitário, J. B. Libânio. 5. Subsídios para uma pastoral universitária, Enzo Campos Gusso.

Para adquirir estes números, escrever para: ABESC, Avenida Dom José Gaspar, 500/30000 Belo Horizonte — Minas Gerais.

Crédito—

Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

Distribuição e venda—

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

Investimentos —

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa
presta todos
os serviços
de um banco de
investimento.
E está entre os
10 grandes.**

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução.

Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento.

Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

Conselho de Administração

Presidente

Juscelino Kubitschek de Oliveira

Conselheiros

Lucas Lopes

Baldomero Barbará Filho

Louis Steuerman

Luiz G. de Souza Lima

Victor Nunes Leal

Fernando Geraldo Simonsen

Mme. Lilliane V. Schneider

Diretoria Executiva

Presidente

Baldomero Barbará Neto

Vice-Presidentes

Rodrigo P. de Pádua Lopes

Rodolfo E. Antici

Carlos Alberto Mendes

Henrique Souza Lima

Diretores

Roberto Lima Neto

Lúcio Santos Pereira

Marcos Milliet

José Guilherme Padilha

Cel. Mucio Scorzelli

Diretoria Adjunta

Carlos Murilo F. dos Santos

Wladimir Rioli

Júlio Rego

Evandro F. Paiva

Banco Denasa de Investimento S.A.



Denasa — Desenvolvimento Nacional S. A.

Crédito, Financiamento e Investimentos

Denasa S. A. — Corretora de Títulos e Valores Mobiliários

Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.

Denasa Leasing S. A.

Denasa Marketing e Comunicação Ltda.

Denasa Sistemas e Métodos S. A.

Denasa Imobiliária S. A.

Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.

Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro — Rua da Alfândega, 28 — Tel.: 244-5022

São Paulo — Rua da Consolação, 368 — Tels.: 256-8696 - 256-7880

Belo Horizonte — Av. Augusto de Lima, 150 — Tel.: 26-9753 e

Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel.: 22-1577

Brasília — Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M

Lojas 3 e 6 — Tels.: 24-8609 - 24-9609

Porto Alegre — Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140